

OS MILITARES E A POLÍTICA DURANTE A REPÚBLICA

Parte XXXVI

Prudente José de Moraes Barros e Canudos

4ª Expedição

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO

- A reorganização da tropa
- A Primeira Brigada
- Parte do Comandante da Primeira Brigada
- O comboio
- Privações
- O assalto de 18 de julho
- Parte de Combate do Comandante General Artur Oscar sobre o assalto
- Comentários de Tristão de Alencar Araripe
- A remoção dos feridos
- A Bahia, o Brasil e a realidade
- A Brigada Girard
 - Euclides da Cunha, denegridor do Exército?*
 - De volta à Brigada Girard*
- O Marechal Carlos Machado de Bittencourt
- O período de transição na frente de Canudos
- O Tenente-Coronel Siqueira de Menezes
- Antônio, o Beatinho
- O fim da luta

No alto da Favela encontrava-se "prisioneira" toda a 1ª Coluna da 4ª Expedição. A chegada da 2ª Coluna do General

Savaget, ao varar o bloqueio dos jagunços a fim de atender ao apelo de Artur Oscar por socorro imediato, salvou a Expedição,

apesar de todas as vicissitudes por que iria passar.

Em cerca de "cinco mil soldados, mais de novecentos entre feridos e mortos, mil e tantos animais de montada e tração, centenas de cargueiros." Fora impossível, mesmo, improvisar uma organização imediata à tropa. Faltava espaço. E o fogo do inimigo, bem posicionado em trincheiras naturais, cruzava sobre o alto da Favela.

"A primeira coluna tivera naquele dia – **28 de junho de 1897** – 524 homens fora de combate, que, com 75 da véspera, somavam 599 baixas. A segunda ligara-se-lhe desfalcada de 327 combatentes (...). Fora sem-número de estropiados, exauridos das marchas, sem-número de famintos (...)."¹

As comunicações com a "base" em Monte Santo estavam, na prática, cortadas pelos conselheiristas; restava o caminho do Rosário, onde o inimigo fazia-se sempre presente.

A 5ª Brigada, sob o comando do Coronel Serra Martins, que recebera a incumbência de salvar o comboio, sob a



General Sivaget
Comandante da 2ª Coluna

Coronel Serra Martins
Comandante da 5ª Brigada



proteção do 5º Batalhão de Polícia da Bahia, pagou o seu preço, com a perda de 14 homens. O 5º de Polícia tivera 45 baixas. O lamento maior seria o de que a 5ª Brigada não conseguira cumprir, a contento, a missão recebida: "o comboio reconquistado chegara reduzidíssimo, ficando mais da metade das cargas em poder dos sertanejos, ou inutilizada; a tropa perdera munições de inestimável valor na emergência e ao mesmo tempo os aparelhos com cerca de quatrocentos e cinquenta mil cartuchos."²

As agruras cresciam para os conquistadores da Favela. A munição de boca fora verificada, no dia 29, ser insuficiente para alimentar a 1ª Coluna, "já abatida por uma semana de alimentação reduzida. A 2ª, embora mais bem avitualhada, não tinha por sua vez garantido o sustento por três dias, depois de o reparar com a outra."³

*
* *

1 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* (campanha de Canudos), 22ª edição, Livraria Francisco Alves: Rio de Janeiro; 1952, p. 378.

2 Idem.

3 CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 379.

4 Idem, p. 380.

Parece-me extremamente difícil imaginar a odisséia desses soldados; difícil não é a melhor palavra, mas sim quase impossível. Todavia feridos, mortos de fome, sob o fogo do sertanejo, que a cavaleiro não conseguiram ser vistos, não se traduziram na desesperança. Para aqueles educados nas lições da disciplina e sob o amparo das virtudes militares fica menos difícil a compreensão da capacidade de mando, da coragem, da abnegação daquela oficialidade e dos comandantes que acabaram por permitir a continuação da luta até os momentos finais.

O General Artur Oscar – criticado negativamente, com razão, à *posteriori*, por comentaristas e alguns camaradas, por não haver inovado e cometido o mesmo erro dos comandantes que o antecederam – de marchar sobre Canudos sem a preocupação maior em organizar a linha de abastecimento – teve a seu favor o mérito de dividir com seus comandados as privações e resistir às pressões, sobretudo políticas, para

que sabsse da imobilidade em que se encontrava e, inconseqüentemente, atacasse o inimigo. Habitado à guerra no Rio Grande do Sul, mais do que qualquer outro, esse seria seu desejo. Porém, conduzia um exército de homens combalidos fisicamente, contra o jagunço bem protegido, alimentado e municiado, aliado à coragem fruto do fanatismo.

*
* *

A tropa, já a **29 de junho**, começara a reorganizar-se, a enterrar os mortos e estabelecer, embora precariamente como não poderia deixar de ser, um hospital de sangue.

Em termos militares, a expectativa volveu-se para a artilharia. Aquele “montão de casebres” não poderia resistir a um bombardeio continuado dos canhões, colocados em posição privilegiada no alto da Favela. Afinal, seria uma concentração de fogo de 19 peças modernas. Entretanto, o canhoneio não surtiu o efei-



General Arthur Oscar de Andrade Guimarães

5N.A.: Euclides da Cunha usou cerca de 90 expressões para designar Canudos. Outras, entre aspas, aparecerão adiante. Sobre essas expressões, ver LITRETO, Oliveiros., in *Canudos, visões e revisões*, ao transcrever colaboração de Olímpio de Souza Andrade, p. 201.

to desejado sobre o "casario de taipa". O objetivo passou, então, a ser a igreja nova, que se constituía em baluarte para os atiradores do sertão. O Withworth 32, a "matadeira", foi conteirado para o novo alvo. Porém, os tiros sempre longos não conseguiram enquadrá-lo. Por seu turno, o fogo dos jagunços aumentava diariamente e, com ele, as baixas na tropa.

A munição aproximava-se do fim. A fome rondava o acampamento, agora que a tropa recebia apenas rações de farinha e sal.

Registra o Coronel Dantas Barreto em seu livro *Última Expedição a Canudos*: "Seja, porém, como for, no dia 30 de junho as forças estavam bem dispostas; a artilharia podia continuar a bombardear Canudos durante algumas horas ainda; em seguida era possível levar um ataque à cidadela. Havia, para isto, a melhor disposição dos comandantes das colunas, brigadas e corpos e dos oficiais subalternos e dos soldados, cuja aspiração predominante era atingir o Vaza-Barris, que lhes representava a abundância de que se achavam privados, numa posição acanhada, enfiada por toda a parte, sem capacidade para dois quanto mais para perto de seis mil

homens."⁶ Esta foi a sugestão apresentada por alguns oficiais superiores e recusada pelo General Artur Oscar, "acreditando que de Monte Santo, em breve, chegaria um comboio de gêneros alimentícios, como lhe afiançara o deputado do Quartel-Mestre-General e só então, depois de três dias de ração completa, investiria sobre o baluarte do Conselheiro."⁷ O comandante da Expedição entendia que fal-

tava a necessária higidez à tropa para tão difícil empreitada. No entanto, ocorreu que tendo ordenado, no dia 30, à brigada do Coronel Medeiros ir ao encontro do almejado comboio a fim de dar-lhe proteção, ela não o encontrou, quer nas baixas ou em Monte Santo, para onde prosseguiu.

A fome crescia e com ela as aflições de todos. A cada dia aumentavam as privações. "A partir de 7 de julho, cessou a distri-

buição de gêneros aos doentes."⁸

É de imaginar-se o quão difícil era para a oficialidade, nesta situação de extrema penúria, manter a disciplina. Alguns casos de deserção ocorreram. Os desertores preferiam arriscar a vida enfrentando os tiros dos jagunços e a aridez do terreno do que perecerem pela fome.

A munição aproximava-se do fim. A fome rondava o acampamento, agora que a tropa recebia apenas rações de farinha e sal. Alguns casos de deserção ocorreram. Os desertores preferiam arriscar a vida enfrentando os tiros dos jagunços e a aridez do terreno do que perecerem pela fome.

* N.R.: Veja RMB 2º trimestre/2001 p.96.

6 LITRETO, Oliveira. *Canudos, visões e revisões*. Biblioteca do Exército Editora: Rio de Janeiro, 1998, p. 113.

7 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 384. Apud BARRETO, Dantas (Coronel). *Última expedição a Canudos*.

8 Idem, p. 387.

“Por um contraste irritante, os adversários, batidos em todos os combates⁹, afiguravam-se fartamente abastecidos, ao ponto de aproveitarem apenas nos comboios assaltados a munição de guerra”¹⁰. É que as mantas de carne-seca, o café, o açúcar, a farinha eram encontrados queimados, misturados com a cinza. Ignorava-se o porquê desse procedimento. Talvez algo místico, pois apesar dos suprimentos que recebiam, comida nunca seria em demasia. É verdade, registram os cronistas, que o sertanejo era habituado, ao longo da vida e dos prolongados estí-
os, a viver com a parcimônia de comida e água. Esse costume “os nossos soldados não podiam tê-lo”¹¹.

“Era natural que uma semana depois da ocupação do morro se generalizasse o desânimo. A própria artilharia, verificando-se a ineficácia do canhoneio e a necessidade de poupar a munição reduzida, apenas atirava, certos dias, dois ou três tiros longamente espaçados...”¹²

A PRIMEIRA BRIGADA

A sorte da Expedição estava nas mãos da 1ª Brigada que fora dar cobertura ao comboio, mas que dela ninguém tinha notícias.

Os autores, em sua maioria, são concordes em que se a marcha da coluna de abas-

tecimento houvesse sido cortada nas proximidades do Rosário ou do Angico, a expedição estaria perdida. Este deveria também ser o pensamento dos chefes.

A 4ª Expedição parecia aproximar-se da derrocada. “Somente o prestígio de alguns chefes de corpos a salvavam da desorganização completa”¹³.

O General Artur Oscar agora não poderia mover-se. Esta imobilidade, ironicamente, contrastava com suas qualidades de guerreiro nas campanhas do Sul e sua própria índole. Traça-lhe o perfil Euclides da Cunha: “Ir-

requieto e ruidosamente franco; encarando a profissão das armas pelo lado cavalheiresco e tumultuoso; quase fanfarrão, embora valente, no relatar façanhas de pasmarr; encontrando sempre nas conjunturas mais críticas uma frase explosiva, que as sublinha com traço vigoroso de jovialidade heróica, num calão pitoresco e incisivo; patenteando sempre, insofridas, todas as impaciências e todos os arrojos de um temperamento nervoso

e forte”. Pois o general, ante o meio e a peculiaridade da situação, “se transmuda, e, com espanto dos que o conhecem, só tem uma tática – a imobilidade.

“Resiste; não delibera.

“Não combate o inimigo; cansa-o. Não o vence; esgota-o”¹⁴.

A 4ª Expedição parecia aproximar-se da derrocada. Somente o prestígio de alguns chefes de corpos a salvavam da desorganização completa

Euclides da Cunha

9 N.A.: Era esse o teor das ordens do dia que relatavam os assaltos à Favela repelidos pelas tropas. Mas parece haver, no caso, certa dose de ironia de Euclides da Cunha.

10 CUNHA. Op. Cit. p. 387.

11 Idem, p. 388.

12 Idem, p. 390.

13 Idem.

14 Ib.

Porém, no seu íntimo, com a intuição – não percebida pelos que o cercam – que é apanágio dos chefes; aguardava a chegada da 1ª Brigada. Por isso não desanimava; acreditava.

Na Favela, a repetição dos fatos: a troca de tiros; incursões dos jagunços repelidas pela tropa; os mortos e feridos que se sucediam; a visão lá de baixo, “o mais lendário dos vilarejos” formado, quem sabe, por 5 mil casebres ou mais e 15 a 20 mil habitantes, gente de toda a espécie, a maioria miseráveis, com a certeza na vida eterna prometida pelo Conselheiro.

No vilarejo a rotina continuava. Ao cair da tarde, o rezar e cantar sob os sinos que

comandavam a ave-maria. A resposta às preces era a artilharia; uns poucos disparos, é verdade. “Cumprida, porém, a missão religiosa, apenas extintos os ecos das últimas badaladas, o mesmo sino dobrava estridulamente sacudindo as vibrações do alarma”¹⁵. E os conselheiristas reagiam

com forte tiroteio. Depois o silêncio. “Os soldados escutavam, então, misteriosa e vaga, coada pelas paredes espessas do templo meio em ruínas, a cadência melancólica das rezas...”¹⁶

Tal postura dos jagunços impressionava os soldados, gente simples também, e muitos deles nordestinos, possuidores da mesma cultura e credices, “vacilavam por fim ante o adversário que se aliara a providência”¹⁷.

15 Ibidem, p. 292.

16 Ibidem, p. 393.

17 Ib., p. 394.

18 Ib., p. 395.

19 Ib.

Corria o tempo passando pelo dia 9 de julho. Todos os pensamentos convergiam para a 1ª Brigada. A Expedição não resistiria mais uma semana.

“Na tarde de 11 de julho, porém, um vaqueiro, escoltado por três praças, apareceu inesperadamente no acampamento. Trazia um ofício do Coronel (Joaquim Manoel de) Medeiros notificando sua vinda e requisitando forças necessárias ao grande comboio que puxava”¹⁸.

A notícia espalhou-se como rastilho de pólvora. Todos comemoraram.

“Desdobrando-se as bandeiras, Ressoaram os clarins, tocando a alvorada. Formaram as bandas todos os corpos. Restru-

giram hinos... (...) (...). Os doentes e moribundos calaram os gemidos, transmutando-os em vivas...”¹⁹

O som dos clarins e a música das bandas entoando hinos e dobrados descia sobre a “cidade de barro”. Os conselheiristas, por certo, não entendiam as razões. Mas, o cre-

púsculo vespertino iniciara-se, e, com ele, como se fosse uma resposta, o toque da ave-maria...

PARTE DO COMANDANTE DA PRIMEIRA BRIGADA

Desse documento, redigido por seu comandante, alguns trechos são destacados. A linguagem é simples e objetiva; nela não existem os belos floreios euclidianos, que

fazem da prosa poesia, mesmo das horas de angústia:

"(...) - Como é do meu dever, cumpre-me relatar-vos as ocorrências havidas com a brigada sob o meu comando, desde o dia 20 de junho, em que partimos de Monte Santo, até o dia 30 do mesmo mês, que seguimos do alto da Favela ao encontro do comboio. (...) (...).

Pelas seis horas da manhã do dia 28, e depois de uma salva de artilharia sobre Canudos, que foi logo respondida por centenas de balas explosivas e outras, recebeu esta brigada ordem de avançar (...) começando renhido fogo, sem nenhuma interrupção.

"Ao toque de 'infanteria avançar', os nossos bravos e intemoratos soldados, ganhavam terreno, desalojando o inimigo de suas trincheiras que eram inúmeras. Esse extraordinário combate durou até às 6h30min da tarde. Nele, as forças da brigada sob meu comando portaram-se com o maior valor e denodo, havendo verdadeiros bravos, como o Tenente-Coronel Tupi Caldas, comandante do 30º Batalhão da mesma arma, o Capitão da 14ª de Infantaria, João Militão de Souza Campos, que infelizmente tombou para sempre, e outros oficiais.



O denodado Tenente-Coronel Tupi Caldas, Comandante do 30º Batalhão de Infantaria

"Nesse dia foram mortos em combate, além daquele oficial, os seguintes oficiais: (segue o nome de três oficiais mortos e de onze oficiais feridos). O 14º Batalhão, nesse combate, teve 23 praças mortos e 55 feridos; o 30º de infantaria teve 5 praças mortos e 11 feridos.

"(...) (...) Acampada na baixada do morro, e quando o inimigo, com indizível audácia, atacou pelas **8 horas da manhã do dia 30**, o flanco direito da artilharia a fim de tomá-la, a força que a guarnecia

não pode resistir ao tremendo fogo, e então o 14º de Infantaria, comandado pelo valente Capitão Antônio Valério dos Santos Neves e o 30º da mesma arma, sob o comando do denodado Tenente-Coronel Antônio Tupi Ferreira Caldas e outros corpos que se achavam na mesma baixada, por um assomo de excessiva bravura e ao toque de 'carga!' fizeram o inimigo recuar a vivo fogo e à baioneta, atendendo ao acelerado da carga, em admirável abnegação.

"(...) (...) **Ao meio dia** recebia esta brigada ordem para partir, a fim de encontrar o comboio, e meia hora depois punha-se em marcha.

O que foi ela, como pode ser cumprida (a missão), as dificuldades encontradas até

13, dia em que regressou a mesma brigada, sob o meu comando, em parte especial que vos entreguei a 15, tudo julho último, minuciosamente está relatado.

Saúde e fraternidade:

a) Joaquim Manoel de Medeiros, Coronel"²⁰.

O COMBOIO

Tem sabor todo especial os acontecimentos ocorridos com o comboio de víveres e munição, que iria ter enorme influência sobre a atuação das tropas da 4ª Expedição.

Eis o relatório de seu comandante Coronel Campello França:

"Acampamento no Acto do Mário, junto a Canudos, **30 de junho de 1897.**

"(...) Permite que antes de relatar-vos o ocorrido na manhã de 28, a uma légua de distância de Canudos, vos sumarie a marcha do comboio sob o meu comando e direção geral.

Às 9 horas da manhã de 22, iniciei a marcha de concentração do comboio, composto de sete carretas de bois, 43 carros de burros, 10 cargueiros de pólvora e 178 particulares e do governo, conduzindo muni-



Coronel Campello França, Deputado do Quartel-Mestre-General, autor do relatório sobre o comboio

ções de boca e de guerra para a infantaria e artilharia.

"Pernoitou em 22, no Caldeirão Grande, em 23 no Juá, em 24 no Aracati, em 25 no Juetê, e em 26 no Rosário de Baixo, numa esplanada às 11 horas e 30 minutos da noite, não prosseguindo a marcha na noite de 27 por não ter um guia que orientasse o caminho.

A 28, movimentando a força e organizando de novo o comboio, (...) (...), os quais prote-

gidos pela 2ª Companhia, que fazia a avançada precedida de piquetes a pé e a cavalo, foram atacados de surpresa, no Engenho das Umburanas. (...) pelas 7:30 horas da manhã, se me apresentou o meu assistente, em companhia de um alferes, quatro praças de infantaria e o boiadeiro Benedito, me comunicando não só necessitar de gado e munições de infantaria, como que, através de temeroso tiroteio, conseguiram vencer o apertado daquele ponto, onde a vanguarda do comboio estava sendo atacada ferozmente.

"Surpreendido por tão desagradável notícia, desguarneci as carroças e com os

20 ARARIPE, Tristão de Alencar. *Expedição Militares contra Canudos, seu aspecto marcial*. Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, RJ., 1985, p. 111.

meus auxiliares dirigi-me tão célere quanto possível, a fim de não fatigar os infantes e dar começo ao ataque, (...). Rechaçado o inimigo até Umburana e esgotada a munição, (...), providenciei que as seções fossem remuniçadas e também que se apresentassem duas companhias e seus comandantes, e passamos a marchar com precaução. (...) Reconhecida a impossibilidade de desalojar o inimigo de sua forte posição, (...). Resolvi entrincheirar-me, para guardar o precioso depósito do nosso Exército, esperar o socorro que vos ia pedir, (...), ou resignado com toda a força, defender nossos corpos, e em torno da bandeira da República, o comboio a nós confiado. Para o pedido de socorro seguiram um cabo e uma praça do 1º Regimento de Cavalaria, para, com dificuldade, ultrapassaram a linha de trincheiras montada pelos jagunços.

"(...) às 5:30 horas, as forças que enviastes para nos salvar devia ter avistado a Bandeira Nacional desfraldada no cimo de uma colina, e daí experimentamos a alegria de reconhecermos que irmãos vinham ao nosso encontro.

"A junção das forças se efetuou às 6 horas, entre aclamações e vivas à República (...).

"Na munição perdida considero cinco cunhetes de 1.500 cartuchos cada um, pois trazendo 134 cunhetes, apenas encontrei aquela falta e a de dois sacos de farinha (...) (...).

"Portaram-se com valentia e valor..." (cita o nome dos oficiais e praças que se distinguiram na ação).

Saúde e fraternidade.

"a) Manoel Gonçalves Campelo França, Coronel Graduado, Deputado do Quartel-Mestre-General."²¹

PRIVAÇÕES

"Edmundo Moniz, falando da Quarta Expedição, relata privações dramáticas (antes do socorro da 2ª Coluna):

A Expedição, com os mantimentos racionados, começou a passar um período de dramáticas privações. Os soldados realizavam excursões pelas proximidades do acampamento, caçando cabritos e devastando as plantações de cana, milho e mandioca que ainda existiam na região

Edmundo Moniz

"A Expedição, com os mantimentos racionados, começou a passar um período de dramáticas privações. Os soldados realizavam excursões pelas proximidades do acampamento, caçando cabritos e devastando as plantações de cana, milho e mandioca que ainda existiam na região. Finalmente só restavam no acampamento sal e farinha. Os soldados famintos embrenhavam-se pelas caatingas, em buca de

caça. (...) nem sempre estas excursões, pelas caatingas, enfrentando uma série interminável de cactos e sob a ameaça de cobras venenosas, davam bons resultados, e os soldados feridos pelos espinhos regressavam mais fatigados e mais famintos. A disciplina dificilmente era mantida pela oficialidade, que também se encontrava entre as vítimas da falta de mantimentos"²².

²¹ *Ib.*, p. 116.

²² LITRENTO, Oliveira. *Op. Cit.*, p. 133. Apud MONIZ, Edmundo. *A guerra social de Canudos*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

Apesar da junção das duas colunas, a Quarta Expedição continuava na raioteira.²³

“Naquela miséria – conclusiva Henrique de Macedo Soares – esfarrapados e imundos, cabelos e barbas em desordem, nos debatemos durante quatorze dias, sempre tiroteados pelo inimigo a cujo ataque respondia-se das linhas das trincheiras a cada instante, sem um pequeno descanso, esperando a morte pela fome, ou antes, se não chegasse com as balas do inimigo, dizimando inteiramente o Exército.”²⁴

O General Barbosa* fez “seguir a Primeira Brigada, sob o comando do Coronel Medeiros, para encontrar o comboio, que diziam vir de Monte Santo, que, seguindo, chegou a esse lugar sem ter encontrado comboio algum, e ali teve de organizá-lo para trazer a este acampamento, como já vos relatei, em parte que vos dei, capeando a do citado comandante da Brigada.”²⁵



General Silva Barbosa,
Comandante da 1ª Coluna da 4ª Expedição

“Encontrara-a (a base de operação em Monte Santo) desprovida de tudo, tendo-lhe sido necessário organizar com dificuldades o comboio que trouxera. Este em pouco se esgotaria e volver-se-ia de novo à crítica situação anterior.”²⁶

Parece, pelos relatos, que a chegada do comboio, a 13 de julho, a Canudos deveu-se ao Coronel Medeiros e muito pouco ao Coronel Campelo.

O ASSALTO DE 18 DE JULHO

A chegada do comboio determinou o ataque. A tropa receberia três dias de rações e recuperaria a energia para a grande investida. Mais que a esperança, era a certeza da conquista de Canudos. Seriam mais de 3.300 baionetas ultrapassando o Vaza-Barris, conquistando a praça das igrejas e terminando a agonia que se prolongara demais.

“Deliberou-se. As opiniões dissentindo-se em minúcias, firmaram-se acordos no

* N.R.: Comandante da 1ª Coluna da 4ª Expedição.

23 *Ib.*, p. 134.

24 *Ib.*, p. 134. *Apud*. SOARES, Henrique Duque Estrada de Macedo. *A Guerra de Canudos*.

25 ARARIPE, Tristão de Alencar. *Op. cit.* p. 97.

26 CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, p. 397.

pensamento da investida em grandes massas por um único flanco. Os comandantes das 3ª, 4ª e 5ª Brigadas opinaram pelo abandono preliminar da Favela por uma posição mais próxima de onde, depois, empenhariam a ação. Os demais, fortalecidos pelo voto favorável de três generais, contrariaram; permaneceriam na Favela o hospital de sangue²⁷, a artilharia e duas brigadas garantindo-os. Este alvitre que pouco divergia do pioneiro, prevaleceu. Reincidia-se num erro. O inimigo ia ter, mais uma vez diante da sua fugacidade, a potência ronqueira das brigadas. Havia, como se vê, persistente na maioria dos ânimos, o intento de não se executar o que a campanha desde o começo reclamava: a divisão dos corpos combatentes.²⁸

Comenta Tristão de Alencar Araripe: "Não se pode deixar de reconhecer, ao contrário do que têm afirmado certos panfletários, que a operação de **18 de julho** foi montada de acordo com todas as regras da técnica da época, e executada com ardor e bravura.

De início, deve-se confessar que Antônio Conselheiro²⁹ e seus capitães por intuição souberam escolher suas posições, principalmente as que rodeavam as duas igrejas; seus fogos cobrindo toda a esplanada que ia ter à Favela e os caminhos de acesso tornavam quase impossível qualquer aproximação; os atacantes não encontravam nesse terreno, senão raras coberturas de onde pudessem bater os atiradores jagunços bem abrigados e invisíveis; difícil era o apoio da artilharia devido à pequena distância e à impossibilidade do tiro por cima da tropa, o que obrigava as peças a

tomarem posição na primeira linha; também não havia objetivos compensadores para o tiro de artilharia.

A operação foi realizada de surpresa, na última parte da noite. (...) A montagem da operação honra o comando e os quadros que a executaram."³⁰

Euclides da Cunha mantém sua opinião quanto ao planejamento da operação. Concentra a crítica no General Artur Oscar. "O comandante geral oscilava entre extremos. Saía da anquilose para o salto; da inércia absoluta para os movimentos impulsivos. Deixar a vacilação inibitória que o manietava no alto da Favela, para a obsessão delirante das cargas. Nas disposições dadas a 16, para o combate, são elas a nota preponderante.

"Dado o sinal de carga, ninguém mais procura evitar a ação dos fogos do inimigo. Carrega-se sem vacilar com a maior impetuosidade. Depois de cada carga, cada soldado procura a sua companhia, cada companhia o seu batalhão e assim por diante".

A **Ordem do Dia de 17 de julho**, marcando o ataque para o imediato 18, foi recebida com delírio. Esteando-se nas façanhas anteriores, o comandante-em-chefe, numa declaração atrevida, voltava uma página do passado e punha diante dos lutadores miragem da vitória:

"Valentes oficiais e soldados das forças expedicionárias no interior do Estado da Bahia!

"Desde Cocorobó até aqui, o inimigo não tem podido resistir a vossa bravura. Atestam-no os combates de Cocorobó, Trabubu, Macambira, Angico, dois outros no alto da Favela e dois assaltos que o inimigo trouxe à artilharia.

27 N.A.: Sob a denominação "Hospital de Sangue", quais seriam os recursos à disposição dos médicos para o atendimento dos feridos? Nada encontrei, mas é fácil imaginar-se...

28 *Ib.*

29 N.A.: A bibliografia a que tive acesso deixa claro que Antônio Conselheiro não deliberava nas questões relacionadas à luta.

30 ARARIPE, Tristão de Alencar. *Op. cit.*, p. 170.

"Amanhã vamos batê-lo na sua cidade-la de Canudos. A Pátria tem os olhos fitos sobre vós, tudo espera da vossa bravura. O inimigo traiçoeiro que não se apresenta de frente, que combate-nos sem ser visto, tem, contudo, sofrido perdas consideráveis. Ele está desmoralizado, e, pois se..."

Mas havia um se comprometedor, comentado por Euclides da Cunha.

"... se tiverdes constância, se ainda uma vez fordes os bravos de todos os tempos³¹, Canudos estará em vosso poder amanhã; iremos descansar e a Pátria saberá agradecer os vossos sacrifícios."³²

O General Artur Oscar tinha a certeza na vitória. Vitória fulminante. Contudo, diferente era o pensamento do jagunço.

PARTE DE COMBATE DO COMANDANTE GENERAL ARTUR OSCAR SOBRE O ASSALTO

"Ao cidadão Marechal Carlos Machado de Bittencourt, D. Ministro da Guerra, 4 de setembro de 1897.

"Parte - (...) aqui estou (no alto da Favela), em obediência ao plano que em maio e da Vila de Queimadas apresentei ao antecessor de V. Exa., e por ele aprovado, em que declarava bombardear a cidadela de Canudos, pelo tempo que me parecesse conveniente, para só então atacar.

"A dificuldade em manter minha linha de comunicações com a base de operação tornou muito mais longo do que eu pretendia esse período de tempo, de modo que só a **18 de julho** me foi dado atacar Canudos."

Neste período, por certo inconscientemente, o General Artur Oscar levanta o véu da falha maior do seu planejamento.

Em seguida, tece uma série de considerações a respeito do terreno inóspito e do seu conhecimento pelo jagunço "sagaz", da necessidade "de alimentar-se a tropa com o estritamente necessário", da construção das casas de Canudos, da aguada e o pasto que tinham necessidade de ser "diariamente disputados a bala"; enfim, tudo o que já é do conhecimento do leitor.

"O novo acampamento na Favela, que apenas dista 1.200 metros das igrejas fortificadas de Canudos, era a todo o momento varrido pelas balas inimigas, que matavam até homens que dormiam e infelizmente não havia ponto melhor nem mais estratégico para ocupar. E isso foi suportado por 22 dias desde 27 de junho até 18 de julho.

"Felizmente, a 13 de julho melhorou a situação com a chegada de um comboio relativamente avultado, pelo que dei uns dias para a alimentação das praças, para só então atacar.

"(...) (...) "a notícia do assalto de 18 de julho foi recebida com o mais vivo entusiasmo".

O comandante-em-chefe inicia, então, a descrição do ataque.

"(...) Desde que o inimigo viu a nossa força apoderar-se da parte que fica ao norte de Canudos, refugiou-se nas casas seteiras, o que determinou uma mudança de frente para esquerda, operação esta que, só devido à violência do ataque à baioneta, impediu que perdêssemos muita gente."³³

"Este segundo período do combate foi cruel". A disposição das "casas formam uma espécie de xadrez, de modo que há um cruzamento horrível de fogos. A conquista das casas fez-se uma a uma e tudo parece indicar que esta boa disposição presi-

31 N.A.: Os oficiais e soldados tiveram constância e excederam-se em bravura, mas essas qualidades não foram suficientes para a conquista da cidadela.

32 CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 399.

33 N.A.: O leitor poderá, adiante, ao conhecer o número de baixas, estimar o conceito do que seja "muita gente".

diu inteligentemente o intuito de uma resistência esperada. (...) Pelas 9:30 horas da manhã, o inimigo abandonou as casas e refugiou-se nas igrejas e em uma latada fortificada e nossas forças assenhorearam-se das últimas casas da esquerda, de toda a zanga que deságua no Vaz-Barris e de uma linha proximamente de um quilômetro, isto é, de toda a baixada da coxilha.

“Vendo que não tínhamos forças suficientes para prosseguir o ataque, apreciadas de perto as posições inimigas, que foram estudadas a 100 metros de distância, ordenei que nos limitássemos a garantir as posições conquistadas; o que se tem feito com a maior abnegação.

“Atacamos o inimigo com 3.349 homens, e tivemos fora de combate 918, lutando a peito aberto com um inimigo entrincheirado, admiravelmente armado e fartamente municiado” (grifos do articulista).

Ao ler-se a parte do General Artur Oscar, fica a idéia de que toda a ação defensiva



...“e os serviços prestados pelos comandantes de brigada Tenente-Coronel Dantas Barreto (na foto) e Tupy Ferreira Caldas (foto na pág. 39) são dignos de ser aqui mencionados”.

dos jagunços estava fora de qualquer previsão: uma autêntica surpresa!

“O Exército esteve sublime de heroísmo. Os soldados morriam dando vivas à República e à memória do Marechal Floriano Peixoto³⁴, o que prova que a República teve a sorte de fazer brotar o amor próprio em seus corações rudes, porém generosos. Com tais elementos, a República pode sofrer embates como este de Canudos, mas não perecerá.

“Eis, Sr. Ministro, o que foi o

cruento assalto a Canudos, que se não está completamente em nosso poder, pelo menos já começou a ser sitiado.

“Nesse assalto, como em todos os combates havidos, ainda não se deu um passo para a frente que não fosse sustentado. As forças expedicionárias marcham lentamente, é certo, mas o terreno conquistado o é definitivamente. Garantem-no a bravura e a resignação do Exército nacional”. Neste ponto, no que concerne à bravura e à resignação, a tropa só merece louvores.

34 N.A.: O Marechal Carlos Machado de Bittencourt, Ministro da Guerra, apenas aceitou a República. Monarquista que era, Floriano ignorou-o durante seu governo.

“Apresentando, com esta parte, as dos comandantes de colunas, brigadas e corpos, peço a atenção do governo para aqueles que são especialmente citados pela sua distinção; (...).

“(…) Desde o dia 18 (a parte está datada de 4 de setembro) que permanece nas linhas de frente o mesmo pessoal, não tendo sido até agora substituído; e os serviços prestados pelos comandantes de brigada, Tenentes-Coronéis Emídio Dantas Barreto e Antônio Tupi Ferreira Caldas, na manutenção e segurança da mesma linha, são dignos de ser aqui mencionados.

“Continua o Exército a garantir a parte conquistada da cidadela.

“Viva a República dos Estados Unidos do Brasil!...

“a) Artur Oscar de Andrade Guimarães, General-de-Brigada”.³⁵

COMENTÁRIOS DE TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

“Decidida a liquidação urgente dos jagunços, por injunção da opinião pública e dos dirigentes políticos que, sem atender às condições da luta, reclamavam da sua procrastinação, não havia para os comandos militares outra solução.

“Insistia-se no mesmo erro de apreciação geral, subestimando a capacidade de reação do grupo de Antônio Conselheiro e

na impropriedade do apetrechamento da tropa para a luta no sertão.

“(…) (...) A resistência dos defensores foi tenaz. Alcançadas as primeiras casas, o avanço foi feito palmo a palmo, casa após casa.

“(…) Essa luta, já agora por entre ruelas e casebres, tinha aspecto anormal. Nela entravam com a mesma decisão e destreza

o jagunço audacioso e o soldado, também destemido e já mais experimentado.³⁶

“Nesse ambiente caótico, o assalto impetuoso vai, pouco a pouco, perdendo o impulso e acaba por deter-se, logo além das primeiras posições do jagunço.

“A situação torna-se vacilante. As tropas da primeira linha, quase de mistura com os defensores, conserva os locais alcançados com grandes sacrifícios, mas não tem capacidade de ir mais adiante.

“(…) Todas as reservas são empenhadas para evitar o envolvimento da primeira linha. Ao cair da noite, decidiu-se manter a qualquer custo as posições conquistadas, restabelecer a ordem e evacuar os feridos.

“Essa noite de 18 para 19 foi noitada épica para o soldado brasileiro. Sem alimentação, sem água, alvejado por todos os lados. Mantendo-se nessas posições, daí por diante, asseguraram a vitória e o prestígio das tropas legais.

**Atacamos o inimigo com
3.349 homens, e tivemos
fora de combate 918,
lutando a peito aberto com
um inimigo entrincheirado,
admiravelmente armado e
fartamente municiado.
O Exército esteve sublime
de heroísmo. Os soldados
morriam dando vivas à
República e à memória do
Marechal Floriano Peixoto.**

*General Artur Oscar
da Parte de Combate*

35 ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. cit., p. 154.

36 N.A.: Todos brasileiros!

(...)“Em situação de incerteza e na ameaça de cruenta reação, as forças legais não fraquejaram.

“A essa altura é de estranhar-se a passividade dos asseclas de Antônio Conselheiro. Tivessem eles contra-atacado qualquer ponto dessa linha, seria a derrota das forças legais. Salvou a Expedição a notória passividade dos jagunços, ferozes na luta atrás do toco de pau ou das pedras, na emboscada e tocaia e raramente dispostos ao ataque a peito descoberto.

“Compreenderam (os chefes) logo a necessidade de estabelecer a segurança da tropa e conseguiram instalar um *cordão de segurança* (...), que se celebrou como a *linha negra*, cortando a cidade de leste a oeste, em contato com os jagunços, representou papel saliente na continuação da luta. (...)” A partir de 18 de julho era praticamente nula a capacidade combativa e principalmente ofensiva da Quarta Expedição. O

seu efetivo inicial de cerca de 3.400 homens definhou com mortos e feridos chegando a quase dois mil; agravou-se a falta de alimentos, água e munição; tornaram-se quase impossíveis os deslocamentos à luz do dia, batidos que eram pelos fogos impertinentes dos jagunços.

“Na semana que se seguiu ao grande ataque, houve, de um e outro lado, o esgotamento dos combatentes, e a luta teve a sua fase de calmaria.

“Mas, a 24 de julho, grande grupo de jagunços, chefiados por Pajeú, desfechou sério golpe de mão no flanco esquerdo do dispositivo legal, procurando apoderar-se de um canhão, e depois outro, sobre o flanco direito.

“Esses golpes colocavam as forças legais em situação grave e, se tivessem tido êxito, tomariam a tropa empenhada pela retaguarda, e então seria a derrota.

“Foram, contudo repelidos, depois de

luta prolongada e com grandes perdas, inclusive a de Pajeú (...).

(...)“Em 27 de julho, iniciou-se a evacuação para Monte Santo da primeira leva de feridos. Com muito escassos meios de transporte (padiolas, pequenas carroças e muares), é de admirar o esforço sobre-humano do transporte de 600 inválidos pelo sertão baldio, sem alimentação e ainda sujeitos aos ataques dos fanáticos. Verdadeira odisséia.

“Nos hospitais de Canudos ainda resta-

vam mais de mil feridos e doentes, em péssimas condições”.³⁷

Depõe Euclides da Cunha: “O General Artur Oscar avaliou, então, com segurança, o estado das coisas. Pediu um corpo auxiliar de cinco mil homens e curou de dispositivos para garantir a força que triunfara de maneira singular, a pique de uma derrota. Estavam, depois de mais um triunfo, na conjuntura torturante de não poder arriscar nem um passo à frente, nem um pas-

A partir de 18 de julho era praticamente nula a capacidade combativa e principalmente ofensiva da Quarta Expedição. O seu efetivo inicial de cerca de 3.400 homens definhou, com mortos e feridos chegando a quase dois mil; agravou-se a falta de alimentos, água e munição

Tristão de Alencar Araripe

37 lb., pp. 171, 172 e 173.

so atrás. Oficialmente, as ordens do dia decretavam o começo do sítio. Mas, de fato, como sempre sucedera desde 27 de junho, a expedição é que estava sitiada”.³⁸

Sitiar Canudos estava no pensamento estratégico de Artur Oscar. Imaginava, com o cerco, poupar vidas de um e outro lado. Porém seu efetivo não permitia tornar seu desejo realidade. Daí, por fim, o seu apelo ao Governo da República: “Grita desassombreadamente pela vinda de apoio em homens, víveres e munição”³⁹. Até lá a situação da tropa se debilitaria dia a dia, enquanto, ironicamente, os defensores de Canudos continuariam a receber o apoio que nunca faltou ao Conselheiro, vindo de seus adeptos que habitavam os arraiais e fazendas circundantes.

A linha negra, rápida e arduamente montada na noite de 18 para 19, era mantida, sobretudo, pela competência, coragem, dedicação e a exata noção de cumprimento do dever dos Tenentes-Coronéis Dantas Barreto e Tupi Caldas. Mas esses oficiais, “destemerosos ambos, sentiam-se todavia na iminência de um desastre, compreendendo que um passo à retaguarda em qualquer ponto da linha central lhes seria a perdição total”.⁴⁰

38 CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 415.

39 ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. cit., p. 174.

40 CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 416. Citando nota de BARRETO, Dantas (Coronel), in *Última expedição contra Canudos*.

41 lb.

42 lb., p. 417.

“Um inimigo habituado a luta regular, que soubesse tirar partido de nossas desvantagens táticas, não teria certamente deixado passar esse momento em que a vingança e a desforra teriam a consequência da mais requintada selvageria”⁴¹, comenta com propriedade Dantas Barreto, primeiro quanto à falta de conhecimento do jagun-

ço no que tange à luta regular, e, em seguida, sobre a luta que se transformara em ódio pelo adversário: “a gravata vermelha”.

Contudo, a Expedição, somente à custa de reforços e do estabelecimento de uma linha regular de suprimentos, teria condições de vitória. Mas “iria despender três meses para a travessia de cem metros que a separavam do apside da igreja nova”.⁴²

A REMOÇÃO DOS FERIDOS

Enquanto deslocavam-se na zona crítica até o Juá, eram protegidos por soldados da infantaria. Aqueles decorrentes do grande ataque de 18 de julho obedeciam alguma organização contida na ordem de evacuação. Os, em torno de mil, que se encontravam no alto da Favela, formavam grupos e guarneciam a estrada poeirenta como melhor lhe fos-

se possível. Alguns destaques da forte prosa euclidiana leva-nos mais próximo do que foi essa epopéia extraordinária:

“Era a entrada do estio. O sertão começava a mostrar uns fáceis melancólicos de deserto. (...) (...). Deprimia-se o nível das cacimbas. Esgotavam-se os regatos e efêmeros, (...); e, na atmosfera adurente, no chão gretado e poento, pressentia-se a invasão periódica do régimen desértico sobre aquelas paragens infelizes.

“O clima extremava-se em variações enormes: os dias repontavam queimados, as noites frigidíssimas.

“As marchas só podiam realizar-se às primeiras horas da manhã e do descer da tarde”.⁴³

Este o caminho por onde teriam de deslocar-se homens com ferimentos, que iam desde os mais leves, mas que permitiam arrastar-se por conta própria, aos mais graves, que determinavam ser levados em redes ou no lombo de cavalos renegos. Contudo, todos inúteis para o combate.

Não demorava muito tempo e o conjunto se esgarçava, “com os mais fortes ou bem montados avantajando-se rápidos, cortando escoteiros para Monte Santo, alheios aos companheiros retardatários”.⁴⁴

Quando aproximavam-se das cacimbas, “os mais fortes enveredavam logo para elas, indiferentes aos retardatários e esquecidos

dos que viriam e por muitas semanas ou meses ainda fariam a mesma escala obrigatória, se banhavam, lavavam os cavalos suados e poentos e abluíam as chagas no líquido que só se renova de ano para ano, pelas chuvas passageiras. Volviam com os cantis e marmittas cheios avaramente sobraçados”.⁴⁵

“Alguns, depois dos primeiros passos, fraquejavam de vez. Deixavam-se ficar exaustos pelas curvas do caminho. Ninguém lhes dava pela falta. Desapareciam, eternamente esquecidos, agonizando no absoluto abandono. Morriam.”⁴⁶

“Seguiam sem que entre eles se rasteassem breve laivos sequer de organização militar. (...). E calçando alpercatas duras, vestindo camisas de algodão, sem bonês ou barretinas, cobertos de chapéus de couro, figuravam famílias de *retirantes* demandando em atropelo o litoral; fustigados pela seca”.⁴⁷

“Oficiais ilustres, o General Savaget, os Coronéis Teles e Neri e outros, volvendo feridos ou enfermos, pas-

savam no meio desses bandos envoltos numa indiferença doentia. Não recebiam continência. Eram companheiros menos infelizes, nada mais. Passavam, desapareciam céleres, adiante, levantando ondas de pó. E recebiam pelas costas olhares ameaçadores, em que afuzilavam mal sopitados desapontamentos dos que lhes invejavam os cavalos ligeiros.

Alguns, depois dos primeiros passos, fraquejavam de vez.

Deixavam-se ficar exaustos pelas curvas do caminho. Ninguém lhes dava pela falta. Desapareciam, eternamente esquecidos, agonizando no absoluto abandono. Morriam

Euclides da Cunha

43 Ibid., p. 423.

44 Ibid.

45 Ibid., p. 425.

46 Ibid., p. 427.

47 Ibid., p. 428.

“Os mais ditosos alcançavam por fim, depois de quatro dias de marcha, a trifurcação das estradas do Rosário, Monte Santo e Calumbi, o sítio de Juá (...). Julgavam-se salvos. Mais um dia de jornada levava-os ao Caldeirão Grande, a melhor fazenda daqueles lugares, vivenda quase senhoril, creta sobre um cerro largo, tendo ao sopé as águas de um riacho represado em açude fasto. Af, num raio de poucos quilômetros, a natureza é outra”.⁴⁸ (...) Ao outro dia prosseguiram para Monte Santo. E, depois de duas horas de caminhada, reanimava-os o aspecto da pequena vila, percebida à distância de uma légua. (...) Ao alcançarem-na, porém, voltavam as desesperanças. Era ainda o deserto. O vilarejo morto, vazio, desprovido de tudo, mal os abrigava por um dia. Havia-o deixado a população, *caindo na*

caatinga, consoante o dizer dos matutos, fugindo, amedrontada, por igual do jagunço e do soldado. Uma guarnição exígua tomara conta da praça humilima⁴⁹ e lá atravessava, inútil, os dias, numa mandria mais insuportável que as marchas e as batalhas. (...) No outro dia, cedo, cada um por sua conta, largava para Queimadas, renovando a travessia. Eram mais dezesseis léguas

extenuantes, mais seis ou oito dias de amarguras, sob o cautério dos mormaços crestadores, adstritos a escalas inevitáveis à borda das cacimbas, ...⁵⁰

(...) “Chegavam a Queimadas esparsos, exaustos, alguns quase moribundos. Atulhavam os trens da estrada de ferro e desciam para a Bahia.”⁵¹

**Era um desfile cruel.
Oficiais e soldados
uniformizados pela miséria
vinham indistintos: calças
em fiapos, mal os
resguardando como
tangas; farrapos de dolmãs
sobre os ombros; farrapos
de capotes, em tiras,
escorridos pelos torsos
desfilando, dando ao
conjunto um traço de
miséria trágica**

Euclides da Cunha

Esses excertos de *Os Sertões* creio refletirem melhor o que deve ter sido a realidade sofrida pelas levas de feridos em retirada do que o relato frio e seco dos relatórios militares.

A BAHIA, O BRASIL E A REALIDADE

A chegada dos feridos à Bahia constituiu-se num choque para a população. A realidade fora posta à mostra. As notícias enviadas pelos telegramas da área de operações não retratavam a verdade quanto à dureza e às dificuldades da campanha. A vitória era sempre prometida para os próximos dias. A Nação, o Brasil, contudo, começava a desconfiar.

Benigno Dantas, coronel da Guarda Nacional, em missiva datada de **31 de julho de 1897** ao seu primo e amigo, o Barão de Jeremoabo, assinalava em *post scriptum*: “A Bahia de hoje publica o seguinte telegrama do General Oscar à sua esposa, da-

48 Ibid., p. 41.

49 N.A.: Era a base de operações.

50 Ibid., p. 429.

51 Ibid., p. 431.

tado de 26 à noite: 'Continuo ocupando e hostilizando Canudos. Por estes dias chegarão três batalhões do Rio, que estão perto. Espero outros para completar o sítio. Assim evito combater. Os jagunços têm perdido muita gente e nós também, mas todos os dias avançamos e eles recuam.' Estes telegramas já me infundiram mais esperanças; hoje, só os fatos".⁵²

E os fatos chegaram com os feridos.

"A multidão desbordando da estação terminal da linha férrea, na calçada, derramando-se pelas ruas próximas até o Forte da Jequitaiá, contemplava diariamente a passagem do heroísmo infeliz. E nunca lhe imaginou aspectos tão dramáticos. (...) Os feridos chegavam em estado miserando. (...) Era um desfile cruel. Oficiais e soldados uniformizados pela miséria vinham indistintos: calças em fiapos, mal os resguardando como tangas; farrapos de dolmãs sobre os ombros; farrapos de capotes, em tiras, escorridos pelos torsos desfilando, dando ao conjunto um traço de miséria trágica. (...), traziam no escavado das faces e na atitude dobrada um traço comovente da campanha. Esta desvendava pela primeira vez a sua feição real naqueles corpos combatidos, varados de balas e de espinhos, retalhados de golpes. E chegavam centenas todos os dias: a 8, 150, a 11 (...) e assim por diante.

"A população da capital recebia-os comovida. Como sempre sucede, o sentimento coletivo ampliara as impressões individuais. O grande número de pessoas, identificadas pela mesma comoção, fez-se expoente do sentir de cada um, e vibrando uníssonas todas as almas, presas do mesmo contágio, e sugestionadas pelas mesmas imagens, todas as individualida-

des se apagaram no anonimato nobilitador da multidão piedosa que bem poucas vezes apareceu tão digna na história. A vasta cidade fez-se um grande lar.

"(...) Avantajando-se a ação do governo, o povo constituía-se tutor natural dos enfermos, amparando-os incondicionalmente, abrindo-lhes os lares, rodeando-lhes, animando-os, auxiliando-lhes os passos trôpegos nas ruas. Nos dias facultativos às visitas, invadia os hospitais em massa, em silêncio – religiosamente. Abeiravam-se então os visitantes dos leitos como se neles jazessem velhos conhecidos; tratavam com os doentes menos graves sobre as provações sofridas e lances arriscados ocorridos; e ao deixarem aquelas trágicas exposições de guerra feitas de traumatismos e moléstias horríveis, levavam afinal um juízo claro sobre a luta mais brutal de nosso tempo. Mas, por um contraste inexplicável, sobre essa comiseração profunda e geral pairava intenso um entusiasmo vibrante. Os mártires tinham ovações triunfadoras. E estas despontavam ao acaso (...). Os feridos eram uma revelação dolorosíssima, certo, mas de algum modo alentadora. Naquelas sevícias retratavam-se a energia de uma raça. Aqueles homens que chegavam dilacerados pelas garras do jagunço e pelos espinhos da terra, *eram o vigor de um povo posto à prova do ferro, à prova do fogo e à prova da fome*. Abaladas pelo cataclismo da guerra, as camadas superficiais de uma nacionalidade cindiam-se, pondo à luz os seus elementos profundos naqueles titãs resignados e estóicos. Sobre tudo isto um pensamento diverso, não boquejado sequer, mas por igual dominador, latentes em todos os espíritos: a admiração pela ousadia dos sertanejos incultos, *homens da mesma raça*, de en-

52 SAMPAIO, Consuelo Novais. *Canudos, cartas para o Barão*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 1999, p. 209.

contro aos quais se despedaçavam daquele modo batalhões inteiros..."⁵³ (grifos do articulista).

*
* *

Brasileiros, irmãos, sacrificavam-se inutilmente. De um lado mobilizara-se o Exército e as polícias de norte a sul, para, em cumprimento à determinação do poder civil, lutar contra uma ilusão: a restauração monárquica. Ilusão, é verdade, em que muitos dos combatentes acreditavam, mas que os dirigentes maiores da Nação não tinham esse direito, a não ser que se constituíssem de néscios, com a responsabilidade superlativa de conduzir uma nacionalidade. Do outro, os sertanejos, os jagunços – apartados do Brasil, certamente não considerados brasileiros pela elite dirigente – que se congregavam em torno de Antônio Conselheiro, pregador carismático, no reduto de Canudos, e que lhes prometia a maior das bênçãos: a vida eterna. Nada sabiam, nem poderiam saber, sobre República e Império. Na sua quase totalidade, nunca tinham visto o mar. Conheciam, tão-somente, as agruras que lhes oferecia a natureza adulta, a vida miserável em que eram e, ainda, 100 anos depois, são mantidos, graças a “benignidade” de governantes inescrupulosos, determinados a preservar a ignorância e a credulidade daquela gente. Porque esta é a plataforma oculta de seus políticos.

E foram sacrificados, para nada, 15.500 brasileiros; e mais os gastos pecuniários de uma Pátria falida. O Brasil, eterno devedor dos banqueiros internacionais, breve a eles retornaria, e nos “acordos” arrumados – sempre onerosos para o povo brasi-

leiro – os dirigentes maiores, pelo modo “inteligente”, porque não dizer “sábio”, na condução das tratativas com os banqueiros, receberiam o epíteto de estadistas!

*
* *

Com a chegada dos feridos, a verdade sobre guerra viria à tona. E, significou um desastre: “De 25 de junho, em que trocara os primeiros tiros com o inimigo, até 10 de agosto, tivera a expedição 2.049 baixas. Detalhavam-nas os mapas oficiais. No total entrava a 1ª Coluna com 1.171 homens, e a 2ª com 878.

Esta verdade, a dos números irrefutáveis, passara a associar-se com “versões e lendas”, que envolveram, inclusive, o Senado da República, de onde se requeria esclarecimentos sobre notícias publicadas por *La Nación*, dos mais sérios jornais e seguramente o de maior peso na América do Sul. Noticiara aquele diário haver recebido da “*Seccion Buenos Aires de la union internacional de los amigos del Império de Brasil*, comunicando-nos por ordem da secção executiva em New York, que a referida União tem ainda uma reserva de não menos 15 mil homens – só no Estado da Bahia – para reforçar, em caso de necessidade, o exército de fanáticos; além de 100 mil em vários estados do norte do Brasil e mais 67 mil em certos pontos dos Estados Unidos da América do Norte, prontos a sair em qualquer momento para as costas do ex-império...”⁵⁴

Inexistia uma voz de peso que mostrasse o absurdo desta e de outras histórias, e que concorresse para, senão acabar, diminuir a histeria coletiva provocada irresponsavelmente pela imprensa brasileira de to-

53 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 431-432.

54 ARARIPE, Tristão Alencar de. Op. Cit., p. 434.

das as tendências, pelos políticos e pelos agitadores jacobinos. Não havia um jornal ou um político sequer que buscasse a lógica e a razão.

Muitas versões foram criadas durante as conversas mantidas entre os feridos e aqueles que os visitavam. Dependendo da imaginação e loquacidade do hospitalizado, muitos dos casos narrados, corretos na sua essência, ganhavam colorido especial, naturalmente, acrescidos quando recontados, até constituírem-se, no imaginário popular, em verdadeiras lendas.

"O jagunço começou a aparecer como um ente à parte, teratológico e monstruoso

(...), violando as leis biológicas, no estandar resistências inconceptíveis, arrojando-se, nunca visto, intangível, sobre o adversário; (...); resvalando ou tombando pelos despenhadeiros fundos como espectro; e, magro, seco, fantástico, diluindo-se em duendes, pesando menos que uma criança, tendo a pele bronzeada colada sobre os ossos, áspera como a epiderme das múmias..."⁵⁵

Os casos, ou seus exageros distantes da realidade, novelas de folhetins, davam à campanha um tom impressionante e lendário, abalavam a opinião pública da velha capital e por fim a de todo o País..."⁵⁶

A BRIGADA GIRARD

O apelo de Artur Oscar foi ouvido pelo governo da República, até porque surpreendera e abalara a opinião pública, que acompanhava a luta, tendo por referência, em grande parte, as ordenas do dia plenas de otimismo emitidas pelo comandante da 4ª Expedição.

Prontamente, o Presidente da República determinou que mais tropas se deslocassem para o teatro de operações. Contudo, segundo Alencar Araripe, "essas incidem nos mesmos defeitos da pretensa mobilização exterior. Os corpos seguiam

para o campo da luta, com seus meios normais de paz, no serviço de guarnição. Não havia decisão de mobilizar essas unidades e aparelhá-las para a luta que iam empenhar".⁵⁷

A força, a nível brigada, teve o seu comando entregue ao

General-de-Brigada Miguel Maria Girard⁵⁸. A tropa, diferentemente das anteriores, "tinha, segundo louvável praxe, sem curso entre nós, mercê da qual se amplia sobre os comandados a glória do comandante, um nome – Brigada Girard".⁵⁹

"Formavam-se três corpos saídos da Capital Federal: o 22º do Coronel Bento Tomás Gonçalves, o 24º do Tenente-Coronel

E foram sacrificados, para nada, 15.000 brasileiros; e mais os gastos pecuniários de uma Pátria falida

⁵⁵ Ibid. p. 436.

⁵⁶ Ibid., p. 439.

⁵⁷ ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit., p. 175.

⁵⁸ N.A.: O General Girard comandava a Escola Militar da Praia Vermelha. A 26 de maio de 1897, os alunos, com a conivência de oficiais e insuflados pelo jacobinismo florianista, prendem o general e o Coronel Trompovski. Carlos Machado de Bittencourt, que assumira o Ministério da Guerra, sufoca a revolta, demite 165 alunos e prende os oficiais comprometidos. O General Girard não tinha o comando em suas mãos. Ver *RMB* v. 120, nºs 7 a 9, jul-set, 2000, p. 48.

⁵⁹ CUNHA, Euclides da. Op. Cit. p. 441.



Capitão Tito Escobar



Major Lydio Porto

Rafael Tobias e o 38º do Tenente-Coronel Filomeno José da Cunha. Eram 1.042 praças e 68 oficiais, perfeitamente armados e levando para a luta insaciável o repasto esplêndido de 850 mil cartuchos Mauser⁶⁰. Diferem, neste ponto os relatos de Alencar Araripe e Euclides da Cunha.

“Embarcada a 15 de julho de 1897, no Rio de Janeiro, a 18 chegava a Salvador e daí só a 3 de agosto partiu com destino a Monte Santo. Essa brigada, no dizer do Ministro da Guerra, Marechal Machado Bittencourt, destinava-se à guarda da linha de comunicações”.⁶¹

Relata Euclides da Cunha: “Abalou do Rio de Janeiro comandada pelo chefe que lhe dera o nome e foi com ele até Queimadas, onde se reuniu a 31 de julho. Partiu de Queimadas a 3 de agosto, dirigida por um coronel até Monte Santo. Largou de Monte Santo para Canudos, a 10 de agosto, sob

o comando de um major. Deixara na Bahia um coronel e alguns oficiais – doentes. Deixara em Queimadas um general, um tenente-coronel e mais alguns oficiais doentes...

Decompunha-se pelas estradas. Partiam-lhe do seu seio pedidos de reforma mais alarmantes do que aniquilamentos de brigadas. Salteara-a um beribéri excepcional exigindo não já a perícia de provetos médicos, senão o exame de psicólogos argutos. Porque afinal o medo teve ali os seus grandes heróis, revelando a coragem estupefata de dizer a um país inteiro que eram cobardes”.⁶²

Continua Alencar Araripe: “Seu comando passou ao Coronel Filomeno Cunha, sendo os 22º, 24º e 38º Batalhões, comandados pelos Majores Lídio Porto e Henrique José de Magalhães e pelo Capitão Afonso Pinto de Oliveira, respectivamente. Ao chegar em Monte Santo, “o seu

60 Ibid.

61 ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit., p. 175.

62 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 441.

comandante era o Major Henrique Magalhães, e o do 24º era o Capitão Tito Escobar. Sua tropa, constituída de soldados bisinhos, muito se sentiu dessa marcha".⁶³

*
* *

Euclides da Cunha, denegridor do Exército?

Euclides da Cunha é apontado por alguns historiadores militares como denegridor do Exército em Canudos, ao mesmo tempo em que apresenta os sertanejos próximos a super-homens – “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo dos médicos neurastênicos do litoral”.

Após algumas leituras de *Os Sertões*⁶⁴, a atual bastante cuidadosa, não me ficou essa impressão. O renomado escritor tece, sempre que merecidas, loas à oficialidade e praças

que lutaram em Canudos. Sobretudo, a atuação valorosa dos militares gaúchos durante a 4ª Expedição, a qual acompanhou. Destaca por seu mérito, mais do que todos, um oficial nordestino, o Tenente-Coronel Siqueira de Menezes. Todavia, foram, segundo ele, os valentes gaúchos os maiores responsáveis pela resistência até a vitória. Não esquecem das polícias militares dos Estados da Bahia, Amazonas, Pará e São Paulo.

63 ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit. p. 176.

64 N.A.: Adquiri *Os Sertões* em sua 22ª edição, em 2 de julho de 1954.

Todavia, para os aguerridos soldados das coxilhas e da campanha do Rio Grande, havia pouco o que se esperar de um Exército politizado, desprofissionalizado, desarmado, vivendo do expediente rotineiro da caserna, despreocupado com o preparo para a guerra. Quanto ao sertanejo, na verdade, exalta-o. Talvez pela surpresa que tenha sido para ele sua resistência e espírito de luta, alimentados pelo fanatismo. Afinal, o aglomerado hu-

mano multiforme que habitava Canudos em torno do Conselheiro encontrava-se atrasado no tempo. O sertão e seus habitantes eram desconhecidos dos brasileiros do litoral, mormente daqueles do sul do Brasil. Uns poucos homens públicos baianos sabiam deles, mas não os conheciam. Os fazendeiros dos arredores conheciam-nos melhor, mas, também, pouco deles, e do Conselheiro, depois que o místico estabeleceu seu reduto em Canudos.

Contudo, penso que foi, se olhada de

maneira abrangente, positiva a apreciação, muitas vezes romântica, do notável construtor de belos perfodos. Só desse modo, com a publicação de *Os Sertões*, puderam os brasileiros saber da existência daqueles compatriotas completamente deserdados da fortuna. Não que isso, no futuro, viesse a fazer diferença...

“O protesto escandaloso de Euclides da Cunha passou a alimentar o plunitivismo de pacotilha. Foi, aliás, traduzido para na-

A Brigada Girard decompunha-se pelas estradas. Partiam-lhe do (seu) seio pedidos de reforma mais alarmantes do que aniquilamentos de brigadas. Salteara-a um beribéri excepcional exigindo não já a perícia de provetos médicos, senão o exame de psicólogos argutos

Euclides da Cunha

ções cultas que terão, sobre o fato, uma idéia erroneamente desfavorável de nós brasileiros, e, ainda mais, do nosso Exército"⁶⁵.

Ainda hoje, existe entre brasileiros de algumas letras e mesmo ilustrados a preocupação do que vão pensar. Preocupemo-nos conosco, resolvamos nossos problemas, deixemos de nos lamentar. Quem nós somos, os "cultos" sabem-no perfeitamente, e nós já deveríamos ter aprendido, após 179 anos de Nação politicamente independente, quem eles são.

De volta à Brigada Girard

Voltemos a Euclides da Cunha e à Brigada Girard.

A tropa, ao embrenhar-se no sertão a caminho de Canudos, empreendeu uma caminhada em tudo e por tudo difícil, pois eram sérias as dificuldades com o transporte. "Os cargueiros, animais imprestáveis, velhos e cansados, muares refugados das carroças da Bahia e tropeiros improvisa-

Euclides da Cunha, destacou por seu mérito, mais do que todos, um oficial nordestino, o Tenente-Coronel Siqueira de Menezes.



dos – rengueavam, tropeçando pelos caminhos, imobilizando os batalhões e remoando a avançada. Assim chegou a Aracati, onde recebeu a tarefa de escoltar um comboio para Canudos. Neste comenos, dizimava-a a varíola. Ao passar em Juetê, no dia 14 de agosto de 1897, encontra o 15º Batalhão de Infantaria, já amadurecido na luta e que viera de Canudos"⁶⁶. Havia sempre um atraso no deslocamento da tropa a fim de aguardar

os retardatários, soldados sedentários da Capital Federal, desacostumados até à marcha, que deveria ser rotineira. No Rancho do Vigário é atacada. A tropa, bisonha, entra em pânico. Houve baixas. "Dispararam espavoridos os cargueiros. A boiada estourou. Mergulhando na caatinga... O 15º Batalhão, tomando a vanguarda, guiou os lutadores vacilantes. Não se repeliu o inimigo. (...) de cento e dois bois que comboiava, restaram apenas onze. A Brigada foi novamente investida no Angico. Afinal entrou em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina

65 MELLO, Dante de. *A verdade sobre Os sertões* (Análise reivindicatória da Campanha de Canudos). Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro: 1958, p. 7 (prefácio).

66 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 442.

tirânica dos tiroteios diuturnos, a acolheram com a denominação de 'Mimosa', nome que, entretanto, mais tarde, os seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título".⁶⁷

Essa tropa que, com perto de mil homens, chegou a Canudos, em muito contribuiu para a base final da luta. Euclides fez a eles justiça. O labéu de "cobardes" foi merecido por aqueles em que a carapuça coube com facilidade. Principalmente os oficiais e, dentre eles, o general e os coronéis, cujo nomes desonraram o Exército de Caxias.

*
* *

O Governo Federal, agora consciente da situação em Canudos e sabedor do comportamento da Brigada Girard, providenciou em formar, rapidamente, uma nova divisão, buscando o que restava dos últimos batalhões, espalhados pelos Estados, de norte a sul. E, mais do que isto, Prudente de Moraes determinou a ida para teatro de operações do Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Marechal Carlos Machado de Bittencourt.

Às tropas de linha que conferiram para a Bahia (Salvador) foram acrescentados os corpos das polícias de São Paulo, Amazonas e Pará.

"Estes reforços que montavam a 2.914 homens, incluídos perto de 300 oficiais, fo-

ram repartidos em duas brigadas, a de linha a mando do Coronel Sampaio e os da polícia – excluída a de São Paulo, que seguira isolada na frente, sob o comando do Coronel Sotero – constituindo uma divisão que foi entregue ao General-de-Brigada Carlos Eugênio de Andrade Guimarães".⁶⁸

A mobilização ocorreu no mês de agosto. Chegavam separadamente à Bahia, onde se municavam e embarcavam para Queimadas, para, em seguida, concentrarem-se em Monte Santo. É importante assinalar que "os batalhões de linha, além de desfalcados, vinham desprovidos de tudo, sem os mais simples apetrechos bélicos – à parte as espingardas velhas e o fardamento ruço, que haviam servido na recente campanha federalista do Sul".⁶⁹

No Rancho do Vigário ela é atacada. A tropa, bisonha, entra em pânico. Houve baixas. "Dispararam espavoridos os cargueiros. A boiada estourou.

Mergulhando na caatinga... Não se repeliu o inimigo. (...). de cento e dois bois que comboiava, restaram apenas onze

Euclides da Cunha

**O MARECHAL
CARLOS
MACHADO DE
BITTENCOURT**

Foi o único chefe que, ao chegar à Bahia, percebeu, imediatamente, a solução do problema militar Canudos. Compreendeu que não bastava enviar mais homens para a frente de combate. Entendeu que simplesmente um maior número de soldados agravaria a situação, pois a parca ração teria que ser dividida por uma tropa mais numerosa. "O que era preciso combater a todo o transe, e vencer, não era o jagunço, era o deserto.

⁶⁷ Ibid., p. 443.

⁶⁸ Ibid., p. 445.

⁶⁹ Ibid.

ções cultas que terão, sobre o fato, uma idéia erroneamente desfavorável de nós brasileiros, e, ainda mais, do nosso Exército⁶⁵.

Ainda hoje, existe entre brasileiros de algumas letras e mesmo ilustrados a preocupação do que vão pensar. Preocupemo-nos conosco, resolvamos nossos problemas, deixemos de nos lamentar. Quem nós somos, os "cultos" sabem-no perfeitamente, e nós já deveríamos ter aprendido, após 179 anos de Nação politicamente independente, quem eles são.

De volta à Brigada Girard

Voltemos a Euclides da Cunha e à Brigada Girard.

A tropa, ao embrenhar-se no sertão a caminho de Canudos, empreendeu uma caminhada em tudo e por tudo difícil, pois eram sérias as dificuldades com o transporte. "Os cargueiros, animais imprestáveis, velhos e cansados, muares refugados das carroças da Bahia e tropeiros improvisa-



Euclides da Cunha, destacou por seu mérito, mais do que todos, um oficial nordestino, o Tenente-Coronel Siqueira de Menezes.

dos – rengueavam, tropeçando pelos caminhos, imobilizando os batalhões e remoando a avançada. Assim chegou a Aracati, onde recebeu a tarefa de escoltar um comboio para Canudos. Neste comenos, dizimava-a a varíola. Ao passar em Juetê, no dia 14 de agosto de 1897, encontra o 15º Batalhão de Infantaria, já amadurecido na luta e que viera de Canudos⁶⁶. Havia sempre um atraso no deslocamento da tropa a fim de aguardar

os retardatários, soldados sedentários da Capital Federal, desacostumados até à marcha, que deveria ser rotineira. No Rancho do Vigário é atacada. A tropa, bisonha, entra em pânico. Houve baixas. "Dispararam espavoridos os cargueiros. A boiada estourou. Mergulhando na caatinga... O 15º Batalhão, tomando a vanguarda, guiou os lutadores vacilantes. Não se repeliu o inimigo. (...), de cento e dois bois que comboiava, restaram apenas onze. A Brigada foi novamente investida no Angico. Afinal entrou em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina

65 MELLO, Dante de. *A verdade sobre Os sertões* (Análise reivindicatória da Campanha de Canudos). Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro: 1958, p. 7 (prefácio).

66 CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, p. 442.

tirânica dos tiroteios diuturnos, a acolheram com a denominação de 'Mimosa', nome que, entretanto, mais tarde, os seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título".⁶⁷

Essa tropa que, com perto de mil homens, chegou a Canudos, em muito contribuiu para a base final da luta. Euclides fez a eles justiça. O labéu de "cobardes" foi merecido por aqueles em que a carapuça coube com facilidade. Principalmente os oficiais e, dentre eles, o general e os coronéis, cujo nomes desonraram o Exército de Caxias.

*
* *

O Governo Federal, agora consciente da situação em Canudos e sabedor do comportamento da Brigada Girard, providenciou em formar, rapidamente, uma nova divisão, buscando o que restava dos últimos batalhões, espalhados pelos Estados, de norte a sul. E, mais do que isto, Prudente de Moraes determinou a ida para teatro de operações do Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Marechal Carlos Machado de Bittencourt.

Às tropas de linha que conferiram para a Bahia (Salvador) foram acrescidos os corpos das polícias de São Paulo, Amazonas e Pará.

"Estes reforços que montavam a 2.914 homens, incluídos perto de 300 oficiais, fo-

ram repartidos em duas brigadas, a de linha a mando do Coronel Sampaio e os da polícia – excluída a de São Paulo, que seguira isolada na frente, sob o comando do Coronel Sotero – constituindo uma divisão que foi entregue ao General-de-Brigada Carlos Eugênio de Andrade Guimarães".⁶⁸

A mobilização ocorreu no mês de agosto. Chegavam separadamente à Bahia, onde se municavam e embarcavam para Queimadas, para, em seguida, concentrarem-se em Monte Santo. É importante assinalar que "os batalhões de linha, além de desfalcados, vinham desprovidos de tudo, sem os mais simples apetrechos bélicos – à parte as espingardas velhas e o fardamento ruço, que haviam servido na recente campanha federalista do Sul".⁶⁹

O MARECHAL
CARLOS
MACHADO DE
BITTENCOURT

No Rancho do Vigário ela é atacada. A tropa, bisonha, entra em pânico. Houve baixas. "Dispararam espavoridos os cargueiros. A boiada estourou.

Mergulhando na caatinga... Não se repeliu o inimigo. (...) de cento e dois bois que comboiava, restaram apenas onze

Euclides da Cunha

Foi o único chefe que, ao chegar à Bahia, percebeu, imediatamente, a solução do problema militar Canudos. Compreendeu que não bastava enviar mais homens para a frente de combate. Entendeu que simplesmente um maior número de soldados agravaria a situação, pois a parca ração teria que ser dividida por uma tropa mais numerosa. "O que era preciso combater a todo o transe, e vencer, não era o jagunço, era o deserto.

67 Ibid., p. 443.

68 Ibid., p. 445.

69 Ibid.



Coronel Sotero de Menezes



General Carlos Eugênio

Fazia-se necessário dar à campanha o que ela ainda não tivera: uma linha e uma base de operações”.⁷⁰

Mas, quem era esse militar que, na retaguarda, decidira a sorte da guerra a favor das armas da República?

Eis o perfil que dele traça Euclides da Cunha: “Era um homem frio, eivado de um ceticismo tranqüilo e inofensivo. (...) Militar às direitas, seria capaz – e demonstrou-o mais tarde ultimando tragicamente a vida – de se abalar aos maiores riscos. Mas, friamente, equilibradamente, encarrilhado nas linhas inextensíveis do dever. Não era um bravo e não era um pusilânime”⁷¹. Muito ao contrário, era um homem dos regulamentos, das portarias, enfim, das leis. “Tinha o fetichismo das determinações escritas. Não as interpretava, não as criticava; cumpria-as. (...) Estava escrito. Por isso, to-

das as vezes que os abalos políticos lhes baralhavam, se retraía cautelosamente ao olvido.

“O Marechal Floriano Peixoto – profundo conhecedor dos homens do seu tempo nos períodos críticos do seu governo, em que a índole pessoal de adeptos e adversários influía, deixou-o, sempre, sistematicamente, de parte. Não o chamou; não o afastou; não o prendeu. (...) Sabia que o homem, cuja carreira se desatava numa linha reta, seca, inexpressiva e intorcível, não daria um passo a favor ou contra no tratamento dos estados de sítio”.⁷²

“A República fora-lhe acidente inesperado no fim da vida. Não a amou nunca. (...) Foi-lhe sempre novidade irritante, não porque mudasse os destinos de um povo, senão porque alterara umas tantas ordenanças e uns tantos decretos, e umas tan-

70 *Ibid.*, p. 449.

71 *Ibid.*, p. 446

72 *Ibid.*

tas fórmulas, velhos preceitos que sabia de cor e salteado”.

Era, sobretudo, um perseverante e, ainda, um homem que se afixava aos detalhes. Ao chegar à Bahia, a 6 de agosto de 1897, encontrou tudo por fazer, no sentido de implementar o que entendeu logo necessário à vitória: o estabelecimento de uma sólida linha de abastecimento a partir de Monte Santo até Canudos: “Venceu-o, por fim, num destruir tenaz de numerosas dificuldades”.⁷³

Na Bahia teve que enfrentar questões políticas locais, onde os oposicionistas afirmavam que viera e se demorara na capital para dar respaldo político ao Governador Luiz Viana, mal visto pelo Exército, porém apoiado por Prudente de Moraes. Todavia, não afastou do seu propósito, perseguiu-o em linha reta.

“Estava convencido de que o principal inimigo dos soldados era a fome. Ainda de Salvador, informou ao presidente que quando a terceira expedição se deslocou para Canudos, ‘já foi recebendo meia ração e que em Canudos recebia quarto de ração’, tendo havido dias em que nada recebeu, pelo que desertaram muitas praças e até três oficiais...”⁷⁴

Enfim, a 7 de setembro, chegava o marechal a Monte Santo. Logo dá satisfação ao Presidente da República e participa-lhe “que a fome estava sendo tarefa mais difícil de combater que o inimigo traiçoeiro.

Ela estava provocando grande desgosto e desânimo entre os oficiais (...) motivando a retirada de muitos.”⁷⁵

“Impaciente com a situação da expedição, que havia caído em ponto morto, o Presidente indagou ao seu ministro por que não se deslocava para Canudos. A resposta foi em tom de desabafo: ‘só devido à minha energia se tem conseguido manter as forças em Canudos. (...) luto com as mais sérias dificuldades para obter gêneros, feragens e animais para o transporte. A varíola está grassando de modo assustador desde Queimadas até Canudos e por isso é quase impossível obter pessoal prático para o comboio dos fornecedores, sendo-me preciso empregar os meios mais enérgicos para conseguir alguns recursos (...). As praças carecem de ração. As povoações aterrorizadas com a varíola, fugiram. Se

abandonar a coordenação dos suprimentos, seria um verdadeiro desastre, pois voltará a fome que reinou em Canudos (...) e então, não teremos a vitória, nem cedo, nem tarde”.⁷⁶

O Marechal não se intimidou com a admoestação do presidente. Respondeu-lhe como devia. Não tomou posição de sentido, bateu continência e seguiu para Canudos. Não se encolhia quando tinha a convicção da certeza de suas decisões. Afinal, era ele que estava ciente do que ocorria, e não Prudente de Moraes e seus auxiliares.

Foi o único chefe que, ao chegar à Bahia, percebeu, imediatamente, a solução do problema militar Canudos.

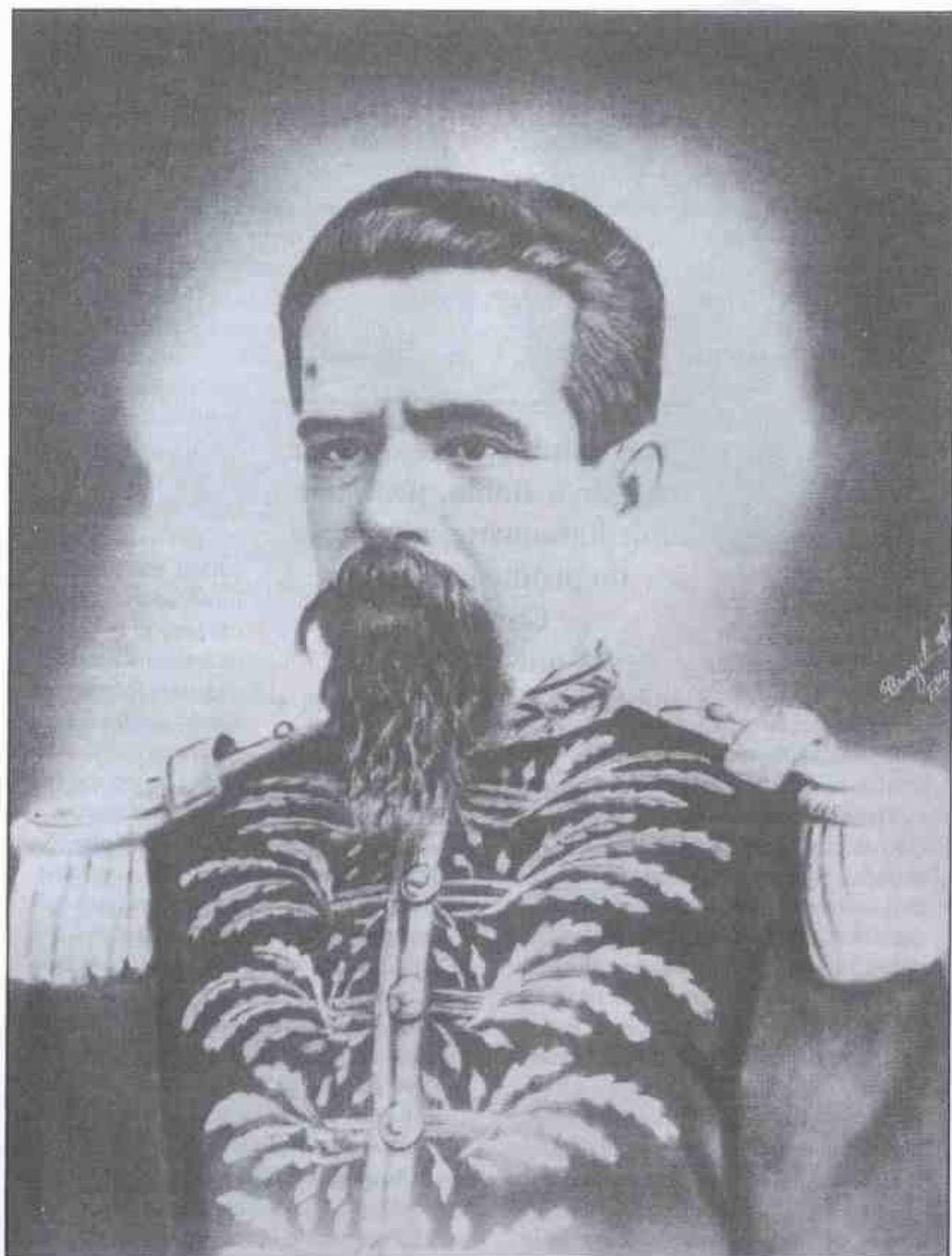
“O que era preciso combater a todo o transe, e vencer, não era o jagunço, era o deserto”.

⁷³ Ibid., p. 449.

⁷⁴ SAMPAIO, Consuelo Novais. Op. Cit., p. 72.

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ibid., p. 73.



Marechal Bittencourt. Ministro da Guerra enviado para o Teatro de Operações. "Foi o único chefe que, ao chegar à Bahia, percebeu, imediatamente, a solução do problema militar Canudos": a Logística. E venceu a guerra.

Nem os políticos e a imprensa que de tudo sabiam e sobre tudo opinavam. "Prudente de Moraes desculpou-se e, pouco depois (6 de outubro), o marechal comunicava ao presidente que "às 4 horas da tarde, a cidade de Canudos caiu definitivamente em nosso poder."⁷⁷

"Nesse abnegar-se a si próprio, abdicando todas as regalias da própria posição, fez-se, na lídima significação do termo, o Quartel-Mestre-General de uma campanha em que era chefe supremo um seu inferior hierárquico"⁷⁸. Espírito superior a todas as questões que contra ele levantaram, sabia que não importava o "título" que lhe atribuíram, pois seguindo um raciocínio lógico e com a determinação que possuía, não tinha qualquer dúvida de que a guerra seria vencida por ele, com a preocupação maior de manter a tropa alimentada e municiada.

"Nos últimos dias de agosto organizara-se afinal, definitivamente, um corpo regular de comboios, atravessando continuamente os caminhos e ligando de modo efetivo, com breves intervalos de dias, o exército em ope-

rações a Monte Santo"⁷⁹. A partir de então a sorte da luta estava selada.

Bravura, heroísmo, fervor republicano não faltaram àqueles que em Canudos enfrentavam os jagunços. Porém, os resultados eram pífios, com elevado número de baixas e a tropa estacionada em Canudos. O inimigo mantinha-se abastecido. "Cristalizara-se num assédio platônico e dúbio, recortado de fuzilarias inúteis, em que se jogava nobre e estupidamente a vida"⁸⁰.

O Marechal Bittencourt preocupava-se menos com as cargas de baioneta em marcha-marche ou a luta corpo-a-corpo no interior dos casebres de taipa e barro do que em comprar muelles e organizar comboios. Atribuem-lhe a frase que aparece

em *Os Sertões*: "Mil burros mansos valiam na emergência por dez mil heróis". Soa humorística. Contudo, penso tratar-se de mais uma das frases euclidianas. Em momento algum o grande escritor atribuiu-a ao inclito marechal.

Outra questão determinava a celeridade no abastecimento. A guerra não poderia manter-se no impasse e prolongar-se, pois

**Ao chegar à Bahia,
encontrou tudo por fazer,
no sentido de implementar
o que entendeu logo
necessário à vitória: o
estabelecimento de uma
sólida linha de
abastecimento a partir de
Monte Santo até Canudos**

* * *

**Estava convencido de que o
principal inimigo dos
soldados era a fome**

Euclides da Cunha

* N.R.: O Marechal Bittencourt fiel ao seu pensamento de que nada adiantaria se a água, a munição de boca e a de guerra não chegassem à linha de frente de acordo com as necessidades, permaneceu com a logística e o General Artur Oscar na linha de frente comandando toda a operação.

77 Ibid.

78 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 448.

79 Ibid., p. 449.

80 Ibid.

“já entrar em novembro, sobre aquela zona, o regimen torrencial e dele decorreriam conseqüências insanáveis”.⁸¹

“Além dos depósitos e armazéns que o marechal obteve em Queimadas e Monte Sauto, aí fez instalar enfermarias e hospitais de emergência, para os quais trouxe de Salvador médicos e acadêmicos de medicina que, voluntária e devotadamente, se ofereceram”.⁸²

O PERÍODO DE TRANSIÇÃO NA FRENTE DE CANUDOS

Enquanto a “Divisão Auxiliar”, com 2.914 homens, neles incluídos 300 oficiais, não chegava a Canudos, o General Artur Oscar permanecia firme no seu propósito “de dominar os jagunços pelo sítio, pela fome, em vez de sacrificar vidas em novos assaltos de resultados pouco compensadores. Afrontou críticas malévolas dos que não conheciam a situação, nem sentiam o peso da responsabilidade de sua decisão”.⁸³

Em 15 de agosto, recebeu o comandante-em-chefe o reforço da Brigada Girard: 892 praças e 56 oficiais; a 23, o Batalhão da Polícia de São Paulo, que se antecipara à “Divisão Auxiliar”, composta de 424 praças e 21 oficiais. Foram suficientes para cobrir as lacunas existentes e manter as posições frente aos conselheiristas “metidos nos casebres ou nas tendas por detrás

dos morros, ou colados às escarpas das trincheiras, pouco se temiam do jagunço”.⁸⁴

No entanto, não se manteve estático o Comandante. A artilharia não dava trégua, batia a “cidadela de barro” dia e noite, provocando incêndio e destruição. Mas, os alvos principais eram as igrejas; a velha, prestes a ser totalmente destruída. “A 23 de agosto, descera, do alto da Favela, o Withworth 32. Naquele dia fora ferido o General Barbosa, quando inspecionava a bateria do centro, próximo ao quartel-general da 1ª coluna”. (...) A “matadeira” entrou

em ação, e fê-lo de modo formidável. “A grande peça detonou: viu-se arrebentar, com estrondo, o enorme *schrapuell* entre as paredes da igreja, esfarelando-lhe o teto, derrubando o resto do cam-

panário e fazendo saltar pelos ares, revolu-teando, estridulamente badalando, como se ainda vibrasse um alarma, o velho sino que chamava ao descer das tardes os combatentes para as rezas...”.⁸⁵

Porém, foi breve a serventia do Withworth 32.: “Quebra-se uma peça do aparelho obturador do canhão fazendo-o emudecer para sempre”.⁸⁶

“A 6 de setembro, sucesso de maior monta; caíram uma após outra as torres da igreja nova. O caso ocorrera depois de seis horas consecutivas de bombardeio”.⁸⁷ Em parte resultara de um engano. Chegara à frente a munição inerte, e não as granadas.

Mil burros mansos valem na emergência por dez mil heróis

Euclides da Cunha

81 *Ibid.*, p. 450.

82 ARARIPE, Tristão de Alencar. *Op. Cit.*, p. 179.

83 *Ibid.*, p. 180.

84 CUNHA, Euclides da, *Op. Cit.* 452.

85 *Ibid.*, p. 454.

86 *Ibid.*

87 *Ibid.*, p. 470.

A decisão foi a de utilizá-las todas sobre a igreja. O resultado surpreendente deixou a tropa livre das seteiras altas, de onde atiradores peritos infringiam aos sitiados baixas diárias, que já se constituíam em rotina. Mais ainda, “os comboios, ao chegarem, dali recebiam em cheio, no último passo, ao transporem o rio, antes da zanga em passagem coberta que os levava ao acampamento, descargas violentas”⁸⁸. A Brigada Girard e o batalhão paulista ali tinham recebido, verdadeiramente, as “boas-vindas” dos canudenses: um cerrado e certo fogo.

A derrubada das torres da igreja nova constituiu-se em vitória tática relevante para a Quarta Expedição.

No dia 7 de setembro, como que a prestar homenagem à grande efeméride, e, coincidindo com a chegada do Marechal Bittencourt a Monte Santo, outra vitória. Talvez de maior significado que a do dia anterior. “Desde muito entrincheirados na Fazenda Velha, algumas dezenas de guerrilheiros zombavam dos canhões do Coronel Olímpio – que se emparcavam no alto, num rebordo da Favela. A dois passos da artilharia e dos contingentes que a reforçavam, tinham, os guerrilheiros, durante mais de dois meses tolhido a dilatação do cerco por aquela banda, a despeito da tormenta de disparos que lhes estrugia a cavaleiro. Numa situação dominante sobre o grosso das linhas ajustadas à orla do povoado, enfiavam-nas de ponta a ponta, contribuindo para as baixas diárias que rareavam, e emparelhando-os com as torres no devassar os mais bem escolhidos parapeitos ou abrigos”⁸⁹.

Deixemos ao Coronel Olímpio da Silveira a descrição do combate, por ele feita na parte oficial ao seu superior imediato:

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Ibid., p. 471.

⁹⁰ N.A.: Das escolas militares.

“Fazenda Velha, 8 de setembro de 1897.

“Ao cidadão General-de-Brigada João da Silva Barbosa (...).

“Em cumprimento à vossa ordem, recebida ontem à tarde, para tomar e ocupar o ponto denominado Tapera, ou Fazenda Velha, segui às 10 horas da noite, com uma força do 27º Batalhão de Infantaria, sob o comando do Capitão Tito Escobar, o pessoal da 4ª bateria do 2º Regimento de Artilharia, sob o comando do Segundo-Tenente Francisco Escobar Araújo, um contingente de forças do 5º Regimento de Artilharia de Campanha, sob o comando do Alferes adido ao mesmo, José de Oliveira Campelo, e uma boca de fogo com a competente munição.

“Tendo disposto a força com atiradores pelos flancos direito e esquerdo, debaixo da maior ordem e silêncio, fiz seguir a 50 metros da coluna o alferes Campelo, com oito praças, ex-alunos, e à retaguarda desta força marchei com mais 15 praças, também ex-alunos⁹⁰. Ao aproximarmos do ponto que hoje ocupamos, fomos logo atacados por um grupo superior a 100 homens que se achavam entrincheirados por trás de diversos montões de pedra. Ordenei logo a carga, sendo em cinco minutos, se tanto, tomadas todas as posições, seguindo nossa avançada até a margem esquerda do Vaza-Barris.

“O inimigo, atordoado pela precipitação do ataque, não teve tempo de nos apresentar resistência, conseguindo, do outro lado do rio, resistir com tiroteios fortes à nossa ocupação.

“Tomada a posição, mandei logo demolir os montões de pedras e construir os reduzidos que ora ocupamos; trabalho esse que só foi concluído às 6 horas da manhã de hoje.

“A posição que hoje ocupamos tornou a parte mais populosa de Canudos dominada pelos fogos de nossa infantaria, estabelecendo completo sítio, deixando livres todas as estradas que comunicam as forças da vanguarda com a Favela e impossibilitando os moradores do chamado Baixo Nobre de Canudos de transitar pelas ruas.

“Peço a atenção de V.Exa. para o modo brilhante com que se comportaram os seguintes oficiais e praças: (...). Saúde e fraternidade.

“Coronel Antônio Olfmpio da Silveira, Comandante da Brigada de Artilharia”.⁹¹

O reduto conquistado recebeu a denominação de “Trincheira 7 de Setembro”.

“A periferia do sítio aumentara de uns quinhentos metros para a esquerda, na direção do sul, trancando inteiramente os dois quadrantes de leste”.⁹²

O TENENTE-CORONEL SIQUEIRA DE MENEZES

Talvez o mais brilhante oficial durante a campanha de Canudos.

Relembremos⁹³: “(...) Conheciam-no os vaqueiros amigos das cercanias e por fim os próprios jagunços. Assombrava-os aquele homem frágil, de fisionomia nazarena que, apontando em toda parte com uma carabina à bandoleira e um podômetro preso à bota, lhes desafiava a astúcia e não tremia ante às emboscadas e não errava a leitura da bússola portátil entre os estampidos dos bacamartes. Por sua vez, o comandante-em-chefe avaliara o seu valor. O Tenente-Coronel Menezes era o olhar da expedição. Oriundo de família sertaneja do norte e tendo até próximos

colaterais entre os fanáticos em Canudos, aquele jagunço aloucado, de aspecto frágil, física e moralmente brunido pela cultura moderna, a um tempo impávido e atilado – era a melhor garantia de uma marcha segura. E deu-lhe um traçado que surpreendeu os próprios jagunços”⁹⁴. Esse é o belo perfil que dele traça Euclides da Cunha.

Foi o responsável pela idéia, o planejamento e a execução da única ação de cunho estratégico durante a campanha. Apresentou-a ao General Artur Oscar que, sob o comando de Siqueira de Menezes, entendeu-a exeqüível e deu-lhe a ordem para executar a missão.

“Esclarecido por informações de alguns vaqueiros leais, aquele oficial viera a saber das vantagens de uma outra estrada, a de Calumbi, ainda desconhecida, que correndo entre as do Rosário e do Cambaio, é mais curta que ambas, facilitava travessia rápida para Monte Santo, onde ia ter traçado quase retilíneo, seguindo firmemente a linha norte-sul.

Siqueira de Menezes realizou o que idealizara em três dias. Saiu a 4 de Canudos, à frente de 500 homens, que a tanto montavam (...). Varou pelo novo caminho descoberto, voltando a 7, pelo Cambaio, num movimento rápido, ousado, feliz e de resultados extraordinários para o desenlace da guerra”.⁹⁵

Do relatório ao comandante-em-chefe, datado de 17 de setembro, são destacadas as seguintes partes: “(...) as comunicações dos oficiais a cargo de quem corre o serviço de transporte, de que se acham em péssimo estado as aguadas na zona compreendida entre Rosário e Canudos, onde, além disso, há absoluta falta de pastos para os

91 ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit., p. 181.

92 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 472.

93 N.A.: Ver *RMB* v. 121, nºs 4/6, abr./jun.2001, p. 104.

94 *Ibid.*, p. 337.

95 *Ibid.*, p. 473.

animais, aconselharam a vossa acertada medida de mandar exploradores pelas estradas do Cambaio e Calumbi, no intuito de verificar a possibilidade de ser utilizada qualquer delas que oferecesse melhores condições de viabilidade, mais fartas águas e abundância de pastos, para servir ao movimento dos comboios, hoje, penosamente feito pela estrada aberta, em sua maior extensão, pela comissão de engenheiros, para trazer o nosso Exército à posição em que se acha".⁹⁶

São descritas como "formidáveis as trincheiras naturais e artificiais (...) nos cimos das serras do Cambaio e Calumbi, por onde o inimigo contava como certa nossa vinda"⁹⁷ e a nossa derrota. Daí nascer a necessidade de um movimento estratégico de certa amplitude no teatro das operações, com o fim de apoderarmo-nos de pontos militares de tão capital importância. Com êxito superior às minhas esperanças, consegui tomar por surpresa, com o menor sacrifício, tanto uma como outras trincheiras nos dias 4 e 7 de setembro" (...).⁹⁸

O relatório mostra a preocupação com a avaliação correta dos acidentes do terreno e a capacidade e qualidade dos poços de aguada. Conclui pela substituição da estrada utilizada por outra com percurso inferior de três léguas, e que passou a ser adotada com reflexos imediatos no abastecimento da tropa em operações de guerra em Canudos.

A certa altura do relatório, Siqueira de Menezes deriva para considerações de ordem política:

"Os paladinos da restauração monárquica, melhores do que nós informados, ou antes conhecedores perfeitos da vantajosíssima, da esplêndida posição estraté-

gica de Canudos, tinham como certa a vitória que anunciaram com precipitada antecedência, (...) (...)". "(...) Não querem ver os senhores da restauração, que apesar de Canudos ter suprimido boa parte do republicanismo brasileiro, desinteressado e puro, ainda há muito quem vele com amor e desprendimento de vantagens materiais pela República, em contraposição ao procedimento interesseiro e egoístico dos defensores da extinta monarquia".⁹⁹

*
* *

Causa espécie este tipo de comentário na parte oficial de Siqueira de Menezes. No entanto, ele mostra, junto às exaltações à República nas ordens do dia e partes de combate, mais do que o entusiasmo, a paixão que movia os oficiais, mesmos os de postos mais elevados, de realizarem uma análise serena, fruto da obtenção de informações isentas, que não os levasse à ligação mais do que improvável do Conselheiro com os chefes monarquistas.

Todavia, a participação dos monarquistas no Brasil e no exterior fazia parte de um clima – criado pela imprensa, políticos, florianistas civis e militares e os jacobinos que agitavam o povo nas ruas – que contagiava a quase todos. Os republicanos, que possuíam pelo menos a tranquilidade e a imparcialidade para avaliar corretamente a situação, silenciavam, para não receberem, então, a terrível pecha de "monarquistas".

Assim, partia o Exército para Canudos a fim de combater os mirabolantes devaneios monarquistas e não, tão-somente, os jagunços.

96. ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit., p. 183.

97. N.A.: Da 4ª Expedição.

98. Ibid.

99. Ibid., p. 185.

Sempre preocupado com a água, relata Siqueira Menezes:

"(...) e fomos acampar, no Riacho Cachomongá, em cujo leito cavaram, os moradores da Fazenda do Calumbi, um profundo poço que fornece água nativa, segundo dizem, aos moradores da mesma fazenda e gados de sua propriedade e, sendo bem guardado e conservado convenientemente, nos abastecerá d'água aos comboios".¹⁰⁰

"No dia seguinte, 5, às 10 horas da manhã, depois da carneação e almoço, fomos à Fazenda da Boa Esperança, onde há nova fonte de água vertente, melhor conservada pelo respectivo vaqueiro, o cidadão Antônio Cachoeira, que, encontrado dando água a seus animais, foi preso pela vanguarda e levado para o primeiro pouso, onde me foi apresentado.

"Verificando que não era jagunço, mandei pô-lo em liberdade, empregando-o como guia na continuação da marcha para o Cambaio". (...) "Daí partimos e fomos pousar no Juá, a 8 ou 9 quilômetros de distância. Entre Suçurana, que tem água, e Juá fica Curral Novo".¹⁰¹

Além da água, que Siqueira de Menezes fora encontrando e mapeando no caminho que desbravava, outro fato importante que tomou conhecimento foi o de que, nessa região tão próxima de Canudos, mas tão desconhecida das forças do governo, seus habitantes, em maioria, fugiram dos jagunços para a caatinga ou permaneceram em suas fazendas. Não apoiavam Antônio

Conselheiro. "Para fazer inteira justiça aos habitantes da zona que me é conhecida, compreendida entre as estradas de Massaracá (menos as do Cumbe) e Cambaio, afirmo que é insignificante o contingente oferecido aos conspiradores da lei, concentrados em Canudos. Esta gente merece-nos toda a atenção. Um destes últimos prisioneiros que pus em liberdade me acompanhou como guia conhecedor de um outro caminho para o Cambaio, do que não tive dúvida, dada a sua boa vontade e franca lealdade".¹⁰²

Sobre a Serra do Cambaio, escreve:

"A lembrança desta luta¹⁰³ muitas vezes assaltou-me o entendimento, obrigando-me a refletir na gravidade e importância da situação que em breve ia enfrentar e na qual de todo me concentrava". (...) (...) "Surpreendê-los era todo meu intento e consegui". (...) "...chegamos à posição almejada, encontrando-a abandonada pelos jagunços, que longe estavam de acreditar na possibilidade de nosso empreendimento, às 12 horas e 30 minutos da tarde.

"Com felicidade rara, ocupamos este ponto estratégico de súbito valor, inutilizando-o para o inimigo, que fica cortado por sete lados para todos os seus movimentos."

Estava vencida a maior dificuldade.

"Ainda não tínhamos Canudos a vista... Às 2 horas e 40 minutos da tarde de 7 de setembro, com espanto geral do inimigo, tomamos posições à margem direita do Vaza-Barris, em situação dominante e fronteira à que ocupa o grosso de nossa força, dentro da cidadela, enfiando principalmente a parte até então não descortinada de outros pontos".¹⁰⁴

100 Ibid.

101 Ibid., p. 185.

102 Ibid., p. 186.

103 N.A.: Refere-se à Expedição Major Febrônio de Brito.

104 Ibid., p. 189-190.

Estava ampliado o cerco. As comunicações de Monte Santo até Canudos tinham, desde então, graças à nova estrada aberta desde o Juá até a Favela, caminho rápido e seguro. "Canudos tinha agora circuitando-o do extremo norte ao sul, na Fazenda Velha, e daí para o ocidente, na ponta da estrada do Cambaio, um desmedido semicírculo de assédio. Restavam apenas aos jagunços, no quadrante de noroeste, as veredas de Uaná e Várzea da Ema. Perfigurava-se próximo o termo da campanha".¹⁰⁵

O ATAQUE FINAL

O abastecimento de que desfrutavam os jagunços não mais supria as necessidades de cerca de seis mil habitantes – combatentes, mulheres, crianças e velhos – quem sabe até número maior. Começaram a padecer do sofrimento da fome. Pior que a fome, a sede. A situação invertera-se. Agora eram os jagunços que, ocultos pela escuridão da noite, buscavam ávidos os poços do Vaza-Barris e serviam de alvos aos soldados.

Porém, mantinham-se na luta que sabiam perdida. Poderiam ter escapado, pois ainda estava aberto o caminho para a Várzea da Ema. É verdade que muitos se retiraram; não somente mulheres, velhos e crianças, mas, também, alguns jagunços.

O General Artur Oscar mantinha sua decisão. Em breve completaria o cerco. Todavia, parecia permitir a fuga, ainda possível, dos sitiados.

A 13 de setembro, iniciando a marcha desde Monte Santo pela estrada recentemente aberta, desloca-se a Divisão Auxiliar. E as primeiras tropas foram a dos corpos de polícia do Norte: "Os dois corpos do Pará, disciplinados como os melhores de linha, e o do Amazonas, com o uniforme característico que adotara desde a Bahia; cobertos, oficiais e soldados, de grandes chapéus de palha de carnaúba, desabados, dando-lhes aparência de numeroso bando de mateiros"¹⁰⁶. Chegaram e entraram em ação. Tendo sob o seu comando o Batalhão de Polícia do Amazonas, em fins de setembro, o Tenente-Coronel Siqueira de

Menezes "fecha a estrada para a Várzea da Ema e praticamente completa o cerco".¹⁰⁷

O General Artur Oscar mantém-se firme em, pela inanição causada pela fome e sede, aguardar a rendição. Mas, os sitiados não ficaram imobilizados. "Ainda a 24 de setembro, as forças policiais

A situação invertera-se. Agora eram os jagunços que, ocultos pela escuridão da noite, buscavam ávidos os poços do Vaza-Barris e serviam de alvos aos soldados

do Pará, em cooperação com o batalhão de polícia do Amazonas e os 37º e 38º Batalhões de Infantaria, realizaram séria investida contra cerca de mil casas da zona norte do arraial e conseguiram fazer muitos prisioneiros. (...) as perdas, contudo, foram ainda numerosas, e, no dizer do Coronel Dantas Barreto, os resultados não foram compensadores".¹⁰⁸

A 27 de setembro chegou a Canudos o grosso da "Divisão Auxiliar".

Encontrava-se à disposição do comandante-em-chefe todo o reforço que solici-

105 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 475.

106 Ibid., p. 479.

107 ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit. 193.

108 Ibid.

tara e, assim, os meios necessários para um cerco rigoroso, sob o qual o inimigo teria que se resignar ou, então, o ataque em massa sobre “a misteriosa cidade sertaneja”, cujo número de defensores rareara – estimava-se entre 400 a 600 jagunços – e não mais poderiam ter qualquer pretensão de vitória.

Artur Oscar, pressionado pelos políticos e a opinião pública trabalhada pela imprensa, não conseguiu manter sua vontade de chegar à vitória – a

esta altura próxima – pela manutenção do sítio, quando inúmeras vidas, de ambas as partes, seriam poupadas. Sabia o general que atribuíam à sua lógica os epítetos de “prudente”, procrastinador e mesmo de covarde. É justo acrescentar que, entre seus comandados, muitos desejassem colocar um fim naquela luta o mais rápido possível, eliminar os jagunços, que tantas vidas ceifaram e tantos infortúnios causaram aos seus camaradas, regressar aos seus lares desde o Amazonas até o pampa gaúcho e esquecer as aflições sofridas. O General Artur Oscar cedeu.

109 CUNHA, Euclides da. Op. Cit., p. 522, registra que “segundo os mapas dos batalhões, havia no dia 30 de setembro 5.871 homens sob as armas”.

110 Ibid., p. 523.



Coronel Dantas Barreto e Cesar Sampaio (na foto), carregam com excepcional intrepidez

“Reunidos a 30 de setembro os principais chefes militares, concentram nos dispositivos do recontra para o dia imediato. E, de acordo com os lineamentos do plano adotado, naquele mesmo dia, à noite, mobilizaram-se as unidades de combate, ocupando, assim, de véspera, as posições de investida”.¹⁰⁹

A manhã de 1º de outubro inicia-se sob violento canhoneiro sobre os últimos casebres sitiados. Durou em torno de 50 minu-

tos. O que restava ficou arrasado. “As pontarias estavam feitas de véspera. Não havia como errar o alvo imóvel”¹¹⁰. Após o canhoneiro, não deveria haver problemas quando carregasse a infantaria.

O planejamento do ataque fora detalhado, discutido com os comandantes até o nível batalhão e transmitido aos oficiais em comando nas demais unidades:

“– Ao toque de – comandante-em-chefe, infantaria avançar! – as Brigadas, 3ª e 6ª, dirigir-se-ão a marche-marche para as posições inimigas, que procurarão conquistar à baioneta, fazendo o assalto pelos flan-

cos e retaguarda da igreja nova, salvo se a conveniência da ocasião aconselhar outra situação, que fica ao critério dos comandantes das 3ª e 6ª Brigadas". O detalhamento do plano de ataque continua: "(...) os Batalhões 26º e 5º da Bahia e ala direita do de São Paulo, dirigir-se-ão pelo Vaza-Barris, a tomar posição junto à margem esquerda, (...). E assim prossegue distribuindo as missões a serem cumpridas.

"Ao toque de – Avançar – todo o Exército armará baioneta e ninguém fará fogo sem ordem expressa do oficial que comanda; desde que a vitória se tenha manifestado completamente para as nossas forças, os comandantes das brigadas assaltantes mandarão tocar alvorada; todas as bandas de cornetas e tambores repetirão o toque, as músicas tocarão o Hino Nacional; mas ninguém abandonará as posições"¹¹¹. A Ordem do Dia nº 140 do Comando-Geral tudo previu, nos mínimos detalhes.

"As 3ª e 6ª Brigadas, impulsionadas pessoalmente pelos respectivos chefes, Tenente-Coronel Dantas Barreto e Coronel João Cesar Sampaio, carregaram com ex-

cepcional intrepidez. Chegaram a ocupar grande parte da zona sitiada, com a impressão de estar deserto o arraial"¹¹².

Porém, esta não era a realidade. Os jagunços quedos aguardavam os assaltantes, deixando-os aproximar-se o mais possível das posições que ocupavam. Subitamente, abrem fogo à queimadura num intenso tiroteio, quando mostraram elevada disciplina tática. A confusão se estabelece entre os atacantes; inicia-se a luta corpo-a-corpo e o tiroteio desordenado. Prevaleram, então, a ferocidade, o ódio, a vontade de matar de ambos os lados.

Trechos da parte do Tenente-Coronel Dantas Barreto dão idéia da violência do combate: "(...) deixei ontem à noite a posição que ocupei e guardei desde 18 de julho último"¹¹³, com a brigada sob meu comando; tomei a retaguarda das trincheiras que completavam o sítio, e pelas 6 e meia horas da manhã, transpus o parapeito daquela fortificação e (...). Determinei antes de entrar na zona a conquistar, que os corpos logo depois de transporem aquele parapeito, (...) e nessa ordem carre-

A confusão se estabelece entre os atacantes; inicia-se a luta corpo-a-corpo e o tiroteio desordenado. Prevaleram, então, a ferocidade, o ódio, a vontade de matar de ambos os lados.

* * *

Não tínhamos avançado muitos metros, quando os jagunços, ocultos em suas tocas, na forma habitual, romperam os seus fogos certos e os nossos bravos soldados começaram a pagar, aliás em demasia, as conseqüências da sua comprovada intrepidez.

Tenente-Coronel Dantas Barreto

¹¹¹ ARARIPE, Tristão de Alencar. Op. Cit., 219.

¹¹² Ibid., p. 220.

¹¹³ N.A.: Praticamente dois meses e meio, de 18 de julho a 2 de outubro de 1897.

gassem sobre o inimigo, com a maior impetuosidade possível, o que efetivamente foi executado e com toda a correção e ordem.

“Não tínhamos avançado muitos metros, quando os jagunços, ocultos em suas tocas, na forma habitual, romperam os seus fogos certos e os nossos bravos soldados começaram a pagar, aliás em demasia, as consequências da sua comprovada intrepidez.”

“O solo ia se cobrindo de mortos e feridos, mas o ânimo sempre arrojado, o espírito sempre resoluto desses denodados brasileiros conservaram a mesma intensidade de energia. Não importava o sangue que brotava dos que iam ficando; era preciso mais um sacrifício para a vitória total da República, *nesta desgraçada luta*, e ninguém vacilou um só momento. Ainda uma vez estava empenhada a honra dos bravos de 27 e 28 de junho, de 18 e 24 de julho, deste ano. (grifos do articulista).

“As avançadas da brigada faziam vivíssimo fogo às primeiras manifestações dos bandidos e as casas onde se ocultavam estes iam servindo de necrotério de seus próprios cadáveres.

“Homens, mulheres e crianças, num amontoado brutal e selvagem, constituíam o objetivo desse quadro de morte que íamos, a contragosto, deixando.

“Uma hora depois, tínhamos as nossas reservas abrigadas nas casas paralelas ao flanco esquerdo da igreja nova, e as avan-

çadas nos escombros desta, em cuja parte mais elevada foi hasteado o pavilhão nacional. O inimigo não estava ainda totalmente esmagado, mas tínhamos chegado até onde era possível fazê-lo. (...) Já no final da ação, quando ordenávamos as forças da brigada, foi o bravo e arrojado Major Henrique Severiano da Silva, comandante interino do 25º Batalhão de Infantaria, ferido mortalmente por um jagunço que conseguiu ficar oculto em uma das casas por nós conquistada.

“Este acontecimento encheu o valoroso e bravo 25º Batalhão de Infantaria da mais justa e pungente tristeza, mas consolara-o à lembrança de que *aquele digno oficial soubera honrar o seu nome e o da corporação a que se ligara com todo o afeto e todo o entusiasmo de que era capaz*”¹¹⁴. (grifos do articulista).

Não conseguiram cumprir a missão as 3ª e 6ª brigadas, embora, em muito, houvessem reduzido o perímetro defensivo dos conselheiristas e diminuído o número de seus defensores.

Foi lançado no combate o 5º da polícia da Bahia; não foi suficiente. Em seguida marcharam o 34º, o 40º, o 30º e o 31º Batalhões de Infantaria. O reduto a ser conquistado ardia em chamas, mas, ainda, inexplicavelmente resistia.

“Ao fim de três horas de combate, tinham-se mobilizado dois mil homens sem efeito al-

**Homens, mulheres e
crianças, num amontoado
brutal e selvagem,
constituíam o objetivo
desse quadro de morte
que íamos, a contragosto,
deixando.**

* * *

**O reduto a ser conquistado
ardia em chamas, mas,
ainda, inexplicavelmente
resistia.**

Tenente-Coronel Dantas Barreto

114 Ibid., p. 206.

gum. As nossas baixas avultaram. Além de grande número de praças de menor patente, baquearam mortos, logo pela manhã, o comandante da 29ª, Major Hucirós, e o da 5ª brigada, Tenente-Coronel Tupi Ferreira Caldas.

*
* *

Os soldados idolatravam Tupi Caldas. Era uma rara vocação militar. Irrequieto,

nervoso, impulsivo, o seu temperamento casava-se bem à vertigem das cargas e à rudeza das casernas. Nesta campanha mesmo jogara várias vezes a vida. Fora o comandante da vanguarda a 18 de julho; e depois daquele dia safra indene dos mais mortíferos tiroteios. As balas tinham-no, até então, poupado, rendando-lhe o chapéu, almogando-lhe a chapa do talim. A última fulminou-o...^{115*}

Assim o viu Euclides da Cunha".

*
* *

ANTÔNIO, O BEATINHO

"Antônio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo, contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase; aconchega-

va-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o amolentado ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma virgem santa, meditando os mesmos atos; depois...¹¹⁶

"(...) acólito e auxiliar do Conselheiro. Mulato claro e alto, excessivamente pálido e magro, ereto o busto adelgaçado. A barba rala e curta emoldurava-lhe o rosto pe-

queno animado de olhos inteligentes e límpidos.

"Veio com outro companheiro, entre algumas praças, seguido de um séquito de curiosos.

"Ao chegar a presença do general, tirou tranqüilamente o gorro azul, de listras e bordas brancas, de linho; e ficou coreto esperando a primeira palavra do triunfador.

"Não foi perdida uma sílaba única do diálogo prontamente travado.

— Quem é você?

— Saiba, seu *doutor general*¹¹⁷, que sou Antônio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião¹¹⁸ e não se agüenta mais.

— Bem. E o Conselheiro?...

— O nosso bom Conselheiro está no céu...

115 CUNHA, Euclides da — Op. Cit. p. 527.

116 Ibid. p. 179.

117 N.A.: "A extravagante denominação é textual. Devem recordar-se dela todos os que assistiram a interessante conferência. Ademais, no que aí segue escrito só altera a prosódia do sertanejo refratário aos rr, ss, etc. A reprodução do diálogo é integral." (Nota de Euclides da Cunha, que o presenciou)

118 N.A.: Pensou que queria se referir à ausência do Conselheiro.

Explicou com detalhe que morrera a 22 de setembro.

– E os homens não estão dispostos a se entregarem?

– Batalhei com uma porção deles para virem e não vieram porque há um bando lá que não querem. São de muita opinião. Mas não agüentam mais. Quase tudo mete a cabeça no chão de necessidade. Quase tudo está seco de sede...

– E não podes trazê-los?

– Posso não. Eles estavam em tempo de me atirar quando saí...

– Já viu quanta gente aí está, toda bem armada e bem disposta?

– Eu fiquei espantado!

– Pois bem. A sua gente não pode resistir, nem fugir. Volte para lá e diga aos homens que se entreguem. Não morrerão. Garantilhes a vida. Serão entregues ao Governo da República. E diga-lhes que o Governo da República é bom para todos os brasileiros. Que se entreguem. Mas sem condições; não aceito a mais pequena condição...

O Beatinho, porém, recusava-se, obstinado, à missão. Temia os próprios companheiros. Apresentava as melhores razões para não ir.

Nessa ocasião, interveio o outro prisioneiro que até então permanecera mudo.

Viu-se, pela primeira vez, um jagunço bem nutrido e destacando-se do tipo uniforme dos sertanejos. Chamava-se Barnabé José de Carvalho e era um chefe de segunda linha.

Tinha o tipo flamengo, lembrando talvez – o que não é exagerada conjectura – a ascendência de holandeses que tão largos anos por aqueles territórios do norte trataram com o indígena.

Brilhavam-lhe, varonis, os olhos azuis e grandes; o cabelo alourado revestia-lhe, basto, a cabeça chata e enérgica.

Apresentou logo como credencial o mostrar-se duma linhagem superior.

Não era matuto largado. Era casado com uma sobrinha do Capitão Pedro Celeste, de Bom Conselho...

Depois, contraveio, num desgarre de sabusado, insistindo com o Beatinho recalcitrante:

– Vamos! Homem! Vamos embora... Eu falo uma fala com eles... deixe tudo comigo. Vamos!

E foram".¹¹⁹



Beatinho retornou passada uma hora. Conduzia cerca de trezentas pessoas. Mas, com elas a surpresa: não eram jagunços, mas sim mulheres, crianças e velhos. Aliviara o reduto final daqueles que se constituíam num fardo a carregar. Ficaram os combatentes que decidiram acompanhar o Conselheiro, na jornada que, desde 22 de setembro, iniciara. Fica a dúvida se as tratativas engendradas pelo Beatinho foram de caso pensado. Se assim foi, consumou o golpe com invulgar maestria.

O FIM DA LUTA

O combate continuou nos dias 3 e 4. Na tarde do dia 5 de outubro terminou a luta. Todos os defensores estavam mortos. Lutaram até o último homem. "No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5.200, cuidadosamente contadas".¹²⁰

O cadáver de Antônio Conselheiro, oculto sob tênue camada de terra foi encontrado, fotografado e sua cabeça enviada para a Bahia, "onde deliraram multidões em festa".

119 *Ibid.*, p. 533.

120 *Ibid.*, p. 542.

*
* *

Os Sertões constituem-se no mais pungente épico de nossa literatura. Para encerrá-lo Euclides da Cunha utilizou-se de uma hipérbole: "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. (...). Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivo-

samente cinco mil soldados. (grifos do articulista).

*
* *

Próximo número:

- Análise do articulista sobre a questão Canudos.
- A morte do General Carlos Machado Bittencourt.
- Término do Governo Prudente de Moraes.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História do Brasil /; Política; Militar; Prudente de Moraes (Presidente da República); Guerra de Canudos; Antônio Conselheiro; Oscar, Artur (General); Girardi, Miguel Maria (General); Bittencourt, Carlos Machado de (Marechal); Menezes, Siqueira de (Tenente-Coronel); Caldas, Antônio Tupi Ferreira (Tenente-Coronel); Souza, João Militão de (Capitão); Medeiros, Joaquim Manoel de (Coronel); França, Manoel Gonçalves Campelo (Coronel); Barreto, Dantas (Coronel); Sampaio, João Cesar (Coronel);

Coitado daquele que, por temer
o fracasso, nada começa.

Hitopadexa

Visitando o Espaço Cultural da Marinha e o Museu Naval e Oceanográfico, não esqueça de levar uma “lembrancinha”

Seus amigos ficarão encantados com os *souvenirs* que você irá mostrar. São peças artesanais que representam o que de melhor existe nos acervos das unidades culturais da Marinha. Compre, dê de presente, mas convide-os para que conheçam pessoalmente o Complexo Cultural da Marinha.

Recanto Naval

Decoração Náutica

Espaço Cultural da Marinha

Telefone: (21) 870-6025

Museu Naval e Oceanográfico

Telefone: (21) 533-6174

